Aveiro, 10 de Novembro de 1962 * Ano IX * N.º 420

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

O ARMISTÍCIO de 1918

Pelo Tenente Gonçalo Maria Pereira

Vão decorridos já 44 anos sobre o fim da primeira Grande-Guerra, em que também tomámos parte para defesa do nosso património, e salvaguarda e triunfo da democracia ocidental. Os sobreviventes dessa Guerra são cada vez menos, e dentro de poucos anos ter-se-ão extinguido completamente, pela ordem natural da vida. Enquanto, porém, a extinção se não der, haverá sempre um ou outro ex-combatente que terá episódios novos para contar, ou para ampliar outros já mais ou menos conhecidos.

Depois, ficará apenas a História para os vindouros saberem o que fizeram os Portugueses seus precedentes.

Ficará a História, sim, aquele espelho maravilhoso que reflecte a longa existência de uma grande Nação quase milenária — ora vivendo em rasgos de heroísmo e valentia; ora penando em transes de martírio e sofrimento; ora, ainda, actuando em catequese cristianizadora na dilatação da Fé e do Império, para segurança, ampliação e consolidação da Civilização ocidental em que temos vivido e em que desejamos continuar a viver em boa harmonia com todos.

Dá pena, porém, que a maldade e a cobiça de alguns homens não nos deixem, serena e suavemente, prosseguir no caminho que desde há muito tempo traçámos como missão de Portugal no Mundo, desbravando terras, civilizando e cristianizando gentes e criando nações.

Tal missão ainda não está terminada. E é para a continuar que, presentemente, mais uma vez Portugal está escrevendo outro capítulo da sua história, com grande sacrifício, é certo, mas também com aquele heroísmo e fé que sempre animaram os portugueses nos seus empreendimentos arrojados e temerosos.

Já o disse, e volto a repeti-lo, que é preciso lutar até ao fim, custe o que custar, para defesa integral do nosso património. Estamos numa encruzilhada da nossa vida histórica em que, ou se salvará tudo, ou tudo se perderá!

*

No começo deste artigo, dispus-me a dizer algo sobre a primeira Grande Guerra. Desviei-me, porém, um pouco, para desabafar, mas vou voltar ao que me propus.

Há tempos, nalguns números do LITORAL e de O CONCELHO DA MURTOSA, contei a «Vera História de uma Cruz de Guerra», pela qual se ficaram a saber os actos de heroísmo praticados na Flandres pelo soldado Manuel Dias Pereira (o Ruela), que foi e ainda é um simples pescador da nossa Ria, natural da freguesia do Bunheiro, concelho da Murtosa.

Além do que então foi dito, há ainda mais que contar sobre outros actos da sua vida, no C. E. P., que revelam nele uma grande formação moral, que poderíamos considerar congénita.

Um desses actos foi o seguinte:

Tendo ido um dia visitar, à sua tenda de campanha, um soldado seu conterrâneo e amigo, encontrara este muito triste e pensativo. Perguntou-lhe a causa da sua tristeza, obtendo por resposta:

— Então achas que não devo estar apreensivo? O nosso primeiro sargento escalou-me para o «raid» desta noite às linhas inimigas, e tu sabes muito bem que, de cada patrulha que vai ao *terreno de ninguém* executar tão arriscado serviço, ficam lá sempre uns poucos.

Continua na página 2

JOÃO GUEDES e JOSÉ BRAZ

falaram a Mário da Rocha para o LITORAL

PARA nós, não! Não nos movia aquela curiosidade que Voltaire bem estava certo de ser um móbil de largo alcance entre as grandes massas, quando respondia a alguém que lhe lembrava a proibição lançada sobre livros seus: — «As obras são como as castanhas: quanto mais quentes melhor!».

Com efeito, Romeu Correia vira, tal como Costa Ferreira, a sua melhor obra de teatro condenada pelo Conselho de Leitura do Teatro Nacional. Mas nós, ao vermos certos espectáculos deste, (mais nos confirmaram ùltimamente os dois textos apresentados, em princípios de Outubro, em Aveiro no «Aveirense» e até, apesar de tudo, o espectáculo, de Shakespeare mas bem pouco shakespeariano..., que lhe vimos na última segunda-feira no «S. João», do Porto), somos impelidos, intrigados, a inquirir onde o motivo de tais sentenças: se no desmérito dos julgados, se na incompetência dos julgadores, ou... se na inadequação entre o valor das obras a representar e as possibilidades do conjunto que as representa!...

A nossa curiosidade em ver

O actor José Braz, na peça de Romeu Correia «O Vagabundo das Mãos de Oiro»

«O Vagabundo das Mãos de Oiro» não se fundamentava tão-só no conhecimento que possuíamos da obra e do seu autor, mas principalmente no apreço em que temos o Teatro Experimental do Porto. Obra por ele escolhida e representada é, tem sido de há anos, obra de valor. E isto tanto mais certo é quanto mais é sabido que, em teatro moderno, para usarmos a comparação do revolucionário Copeau, o texto está para o espectáculo como um naco de argila para as mãos do escultor. Ou seja: como dizia Gemier, **o teatro é o próprio encenador.**

*

Naquele domingo «alfacinha» de Outubro, 27, dirigimo-nos aos camarins do «Império» a fim de felicitarmos Romeu Correia. Encontrámos, entretanto, João Guedes e não pudemos deixar de lhe agradecer o bom espectáculo que nos oferecera e que o público tanto ovacionara.

E ele, actor e director mais que consagrado no seu valor

Continua na página 6

AVEIRISMO

ARTIGO DO INSPECTOR GOMES DOS SANTOS

QUANTOS têm proferido e repetido este feliz neologismo, peço me perdoem que eu também tire esta tecla, especialmente o brilhante articulista sr. Mário da Rocha, que recentemente tratou este tema nas colunas do LITORAL, — pondo neste afecto alavárico, não uma restrição narcisista, mas uma irradiação de universal amor.

O distinto articulista tem razão. A mãe que aleita ao seio o tenro filhinho não é insensível ao sorriso carinhoso dos que a rodeiam, e estende a sua felicidade e a sua benção ao longe, como o sorriso do Sol sobre a larga face da Terra.

Amar o seu rincão natal, desde o solo, o rio e o mar, até às estrelas que o alumiam, com um amor operoso que o alinda e enobrece, é implìcitamente alargar esse amor ao orbe inteiro — obra do mesmo Criador.

Continua na página 7

Cumpriu-se o Programa do

CENTENÁRIO DE JOSÉ ESTÊVÃO

No sábado e domingo, e de acordo com o programa estabelecido, realizaram-se nesta cidade as comemorações do primeiro centenário da morte de José Estêvão Coelho de Magalhães, seguramente o mais famoso Orador parlamentar português e uma das mais destacadas figuras aveirenses de todos os tempos. José Estêvão — que consideramos o nosso verdadeiro patrono cívico — possui brilhante folha de serviços prestimosos à causa do liberalismo, pela qual combateu denodadamente; e o egrégio Tribuno soube ainda acrescentar aos seus invulgares talentos intelectuais e às suas admiráveis virtudes morais, um intenso e acrisolado amor, um amor sem limites, à terra que foi seu berço e lhe ficou a dever múltiplos e inesquecíveis benefícios.

Estas razões justificariam as maiores homenagens prestadas à memória de José Estêvão; e justificariam ainda o facto de — conjuntamente com outras iniciativas particulares nesse mesmo sentido, designadamente do Clube dos Galitos e de uma comissão de democratas aveirenses — ter sido a

Continua na última página

OUTONO

Desenho de HELDER BANDARRA

O Armistício de 1918

Continuação da primeira página

— Não te preocupes (disse o Ruela), que eu vou por ti. Vamos ao nosso primeiro fazer a troca. E eu fui ao «raid» por ele e não fiquei lá.

O meu companheiro, coitado, é que veio a morrer lá. Não em combate, mas de uma peritonite. Fui ao seu funeral, que se efectuou para um cemitério da Bélgica.

Era o soldado de apelido Pombo, filho de lavradores de São Silvestre, irmão ou parente próximo do falecido Padre Ruela Pombo, que tanto se notabilizou nas missões em Angola.

O nosso primeiro sargento encarregou-me da guarda do seu espólio, para o entregar à família quando regressássemos a Portugal. Uma vez em terras de São Silvestre, fui junto de sua mãe e entreguei-lhe os valores que pertenceram ao seu falecido filho. Banhada em lágrimas, ao tomar conta do que lhe dei, perguntou-me se eu sabia aonde o filho ficara sepultado. Disse-lhe que sim e ela então combinou comigo irmos os dois à Flandres para trazermos para o Bunheiro os restos mortais do seu filho.

Entretanto, a morte surpreendeu-a e não se chegou a efectivar o seu desejo.

Outro acto da sua vida de campanha em França, foi, diz ele:

As tropas do C. E. P. em França escalonavam-se, pràticamente, em dois grupos aproximadamente iguais, que defendiam, alternadamente, cada semana, a primeira e a segunda linhas de combate. Quando eu vinha para a segunda linha, ficava aboletado numa casa de lavradores franceses, cuja família era constituída pelo pai, mãe, dois filhos e duas filhas. O pai e os dois rapazes andavam a combater na frente francesa, e a mãe e as duas filhas — jovens e lindas moças — é que tratavam de toda a vida da casa. Eu ajudava no que podia e sabia. Neste convívio diário criou-se entre nós os quatro uma tal afeição, que já nos considerávamos todos da mesma família. Quando eu tinha de ir fazer o meu serviço semanal na primeira linha, ao despedirmo-nos abraçavam-me e beijavam-me, chorosamente receosas de eu lá não voltar.

A confiança e a amizade entre mim e as cachopas era de tal ordem, que por vezes o demo introduzia-se no meu espírito com tentação do pecado. Mas eu venci essa tentação, dizendo: não, não devo fazer mal a quem me trata tão bem!

O nosso sargento Suspiro, que na segunda linha geria a «messe» dos sargentos, disse-me um dia:

— Ó 395, tu estás aboletado em tal parte; eu já lá vi muitas galinhas e galos. Precisamos duma dessas aves para uma patuscada na «messe». Quando se te proporcionar ocasião, estorcega o pescoço a um galo, mete-o debaixo do capote e trá-lo para cá.

Eu queria fazer a vontade aos nossos sargentos da «messe», porque eles eram todos meus amigos e tratavam-me muito bem. Mas também não queria fazer mal às francesas por princípio nenhum. Fui adiando o assunto a ver se o nosso sargento se esquecia. Mas ele andava com ela ferrada e não me largava...

A Providência, porém, pode muito, quando quer, e desta vez quí-lo para me ajudar a resolver este problema.

Numa manhã de muito frio e de muita neve, uma das francesitas minhas amigas aproxima-se da mãe e diz-lhe:

— Minha mãe, apareceu um galo morto na capoeira.

— De que morreria ele, pergunta a mãe?

— Não sei, respondeu a filha.

E a mãe retorquiu:

— Não se sabendo a causa da morte, não podemos aproveitar o galo para comer. Faz uma cova no quintal e enterra-o.

E o soldado Ruela, que ouvira toda a conversa, disse:

— Não, não enterrem o galo, que ele vai servir-me para resolver um problema. Quiseram saber o que eu ia fazer com ele, mas eu pedi-lhes que me permitissem não lhes desvendar o segredo naquele momento; que mais tarde lhes contaria.

Peguei no galo, afastei-me delas em direcção à «messe», estorceguei-lhe o pescoço, meti-o debaixo do capote, cheguei junto do nosso sargento Suspiro e disse-lhe:

— Aqui tem o galo para a patuscada, meu sargento.

O nosso sargento ficou todo contente comigo, mandou arranjar o galo, todos os sargentos da «messe» comeram, eu também comi, o petisco não fez mal a ninguém, e eu *de uma cajadada matei dois coelhos*... Não cheguei a fazer mal às minhas amiguinhas francesas, roubando-lhes o galo, nem deixei de satisfazer o pedido do nosso sargento Suspiro.

Passados dias, contei, então, o caso às francesas, elas fartaram-se de rir e, se até aí eram minhas amigas, passaram a sê-lo ainda mais.

Que saudades eu tive quando deixei aquela boa gente!...

Aveiro, 31 de Outubro de 1962

Gonçalo Maria Pereira

Pereira da Silva & Irmão, Limitada

Secretaria Notarial de Aveiro

SEGUNDO CARTÓRIO

Certifica-se que por escritura de vinte e seis de Outubro de mil novecentos e sessenta e dois, lavrada a folhas quarenta e três e seguintes, do Livro número A-tresentos e noventa e três, do notário, Licenciado António Rodrigues, foi constituida entre Carlos Alberto Pereira da Silva e António Jorge Mateus Pereira da Silva, ambos solteiros, maiores, residentes na freguesia de Vera-Cruz, da cidade de Aveiro, uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO: A sociedade adopta a firma *Pereira da Silva & Irmão, Limitada*, tem a sua sede em Agras de Esgueira, concelho de Aveiro e durará por tempo indeterminado, a contar de um de Janeiro do próximo ano.

SEGUNDO: O seu objecto é a indústria de móveis e o comércio dos mesmos, tapetes e artigos decorativos, ou qualquer outro que a sociedade resolva explorar e para que não seja precisa autorização especial.

TERCEIRO: O capital social é de cinquenta mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, correspondente á soma de duas quotas de vinte e cinco mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

QUARTO; Não são exigíveis prestações suplementares de capital, podendo, porém, qualquer dos sócios, fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem e costem das respectivas actas.

QUINTO: Todos os sócios são gerentes, sem remuneração e sem caução, e a sociedade será representada, em Juizo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer deles.

PARÁGRAFO ÚNICO: Para que a sociedade fique obrigada são indispensáveis as assinaturas de dois sócios. Os actos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer um deles.

SEXTO: A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios, usando a sociedade, em primeiro lugar, e qualquer dos sócios, em segundo lugar, do direito de preferência quando se pretenda ceder a um estranho.

SÉTIMO: Quando a Lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência.

OITAVO: A sociedade dissolver-se-á nos casos previstos na Lei e pela morte de qualquer dos sócios, sem descendentes.

PARÁGRAFO ÚNICO Dissolvida a sociedade nos termos deste artigo, o sócio sobrevivente pagará aos herdeiros do falecido a quota deste pelo valor constante do último balanço, ou na falta desse balanço, pelo seu valor nominal.

NONO: Os balanços e contas fechar-se-ão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano. Dos lucros líquidos apurados serão deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva, sendo os restantes divididos pelos sócios, na proporção das duas quotas.

É certidão narrativa parcial, que fiz extrair e vai conforme ao original a que me reporto. Na parte omissa, nada há em contrário ou além do que aqui se transcreve.

Aveiro e a Secretaria Notarial, dois de Novembro de mil novecentos e sessenta e dois.

O Ajudante da Secretaria,

Raul Ferreira de Andrade

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

Com mais duas jornadas, e dentro da habitual regularidade que tem sido relevante apanágio da época decorrente, prosseguiu a presente competição.

Realizaram-se mais oito desafios, em que o *team* do Esgueira foi vedeta, obtendo dois êxitos — um deles em S. João da Madeira! — e ascendendo ao segundo posto da tabela classificativa, embora de parceria com o Galitos e o Amoníaco.

O Sangalhos que também ganhou as duas partidas que lhe cumpria efectuar, aumentou, entretanto, a sua vantagem — já que segue totalmente vitorioso.

Além dos grupos referidos, o Galitos somou igualmente duas vitórias; todavia, a última (em Cucujães, na terça-feira) só logrou alcançar no instante derradeiro do prolongamento a que houve necessidade de se recorrer... Aliás, esse tangencial triunfo dos alvi-rubros foi contestado pelos cucujanense, que protestaram o resultado do encontro alegando que a *cesta* de que resultou a vitória do Galitos foi marcada depois do termo do jogo.

De resto, nada a referir — no que pròpriamente respeita ao lado desportivo e competitivo do torneio. A ressalva, que se deixa antever, é para nos ocuparmos de comentar — e lamentar — incidentes ocorridos após o prélio Cucujães-Galitos, com parte do público a apedrejar os árbitros quando estes saíam do recinto.

Repetem-se, assim, as desprestigiantes cenas que, como aqui anotámos, se registaram há dias em Estarreja e em Águeda.

Urge — por tudo — que a justiça se faça sentir, sem demora, punindo os prevaricadores de forma exemplar. Deste jeito é que não se pode continuar!

●

Hoje, por falta de espaço, não nos é possível arquivar as costumadas resenhas estatísticas dos diversos desafios.

Vemo-nos, assim, forçados a indicar apenas os resultados desses encontros:

5.ª jornada

Galitos, 43 — Illiabum, 33
Sangalhos, 41 — Sanjoanense, 28
Amoníaco, 33 — Recreio, 17
Esgueira, 33 — Cucujães, 24

6.ª jornada

Illiabum, 55 — Recreio, 29
Cucujães, 32 — Galitos, 33
Sanjoanense, 36 — Esgueira, 39
Sangalhos, 46 — Amoníaco, 26

Tabela de Classificação

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sangalhos .	6	6	—	271-150	18
Esgueira . .	6	4	2	194-167	14
Galitos. . .	6	4	2	225-202	14
Amoníaco .	6	4	2	212-247	14
Illiabum . .	6	3	3	217-217	12
Sanjoanense	6	2	4	216-239	10
Cucujães . .	6	1	5	173-223	8
Recreio. . .	6	—	6	140-239	6

★

Os próximos desafios:

HOJE — *Amoníaco* - Illiabum, Recreio-Cucujães e Galitos - Sanjoanense.

AMANHÃ — EsgueiraSangalhos.

TERÇA-FEIRA — Il'iabum - Cucujães (28-31), Recreioe - Sanjoanense (22-34), Galitos - Sangalhos (28-44) e Amoníaco - Esgueira (27-37).

PESCA DESPORTIVA

Conforme oportunamente aqui se anunciou, realizou-se, no dia primeiro do corrente mês, o III Concurso de Pesca Desportiva do «Gato Preto» — a que concorreram numerosos frequentadores deste conhecido Café aveirense.

A prova concitou muito interesse e decorreu de forma excelente, tendo-se apurado estas classificações:

Individual — *1.º — Américo Santos, 1 090 pontos; 2.º — Carlos Varela, 850; 3.º — Ricardo Limas, 730; 4.º — Manuel Couto, 610; 5.º — José Machado, 470; 6.º — Alfredo Fortes, 380; 7.º — Mário Maia, 330; 8.º — Cristiano Santos, 320; 9.º — Antero Veiga, 295; 10.º — José de Almeida, 250; 11.º — Telmo Graça, 240; 12.º — José Alves, 230; 13.º — Manuel da Graça, 210; 14.º — Domingos da Graça, 210; 15.º — João Vinagre, 200; 16.º — Mário Lopes, 160; 17.º — António Machado, 110; 18.º — José Guilherme, 110; 19.º — Manuel Alves, 90; 20.º — Baltasar Vilarinho, 80; 21.º — João Moreira, 70; 22.º — Luís Machado; 23.º — Floridor Salgado.*

Equipas — *1.ª — Américo Santos, João Vinagre e Manuel Alves, 1 380 pontos; 2.ª — Carlos Varela, Alfredo Fortes e Baltasar Vilarinho, 1 310; 3.ª — Ricardo Limas e Cristiano Santos, 1 050.*

★ *À noite, no decurso de um jantar regional de confraternização realizado no Restaurante Pinho, foram distribuidos os prémios em disputa.*

Secção dirigida por António Leopoldo

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 9 DO TOTOBOLA ★

18 de Novembro de 1962

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Benfica — Porto	1		
2	Setúbal — Académica		x	
3	Atlético — Belenenses	1		
4	Feirense — Barreirense	1		
5	Guimarães — Sporting			2
6	Covilhã — Braga	1		
7	Oliveir. — Sanjoanense	1		
8	Espinho — Beira-Mar			2
9	Vianense — Varzim	1		
10	Seixal — Torriense	1		
11	Alhandra — Sacavenen.	1		
12	Lusitano V. R. — Portim.		x	
13	Montijo — Oriental	1		

Festival de Velomotores

Em Sangalhos, como aqui se anunciou em devida altura, realizou-se recentemente um interessante festival de velomotores, no Estádio-Pista da Bairrada, apurando-se estes resultados:

Categoria Sport — *1.º — Manuel Marques Pinto; 2.º — António Duarte Vieira; 3.º — António Lopes Baptista — todos da «Sachs».*

Categoria de Corrida — *1.º — Leonel Sousa, «Sachs»; 2.º — A'lvaro Amorim; 3.º — Alfredo Tomás; 4.º — José Manuel Conceição — estes da «Famel».*

FUTEBOL

NA FESTA DE VIOLAS

Beira-Mar, 1 C. U. F., 0

Decorreu com muito interesse e luzimento a Festa de Homenagem ao guarda-redes beiramarense João Martins, o popularíssimo VIOLAS — compelido a abandonar a prática do seu desporto favorito em consequência de pertinaz doença que lhe sobreveio a meio da época finda.

O público compareceu em bom número — uma inequívoca prova de apreço e simpatia pelo conhecido e correctíssimo desportista, tantas e tantas vezes o principal esteio de inúmeros triunfos do Beira-Mar, ao longo de dez anos ao seu serviço.

●

Cumprindo-se o programa estabelecido, defrontaram-se, a abri-lo, os grupos populares de futebol do Sporting Quintagoense e do Desportivo da Gafanha. Sob arbitragem do futebolista beiramarense Amândio, os grupos apresentaram:

Quintagoense — *Soberano (Calisto); Lourenço, Tanoeiro e Martins; Carlos e Mateus; David, Guilherme, Beleza, Carlos Alberto e Luzia.*

Gafanha — *Baptista; Fernando, Hortêncio e Óscar; Federado e Agostinho; Manuel, José Rocha, João, Arménio e Lázaro.*

Venceu o Quintagoense, por 1-0, em golo obtido por Beleza, no decurso da primeira parte do jogo.

●

A seguir, houve um desfile de atletas de diversas colectividades do Distrito. Na parada, que reuniu desportistas de variadíssimas modalidades, estiveram representados os seguintes clubes: Sanjoanense, Anadia, Illiabum, Lusitânia, Sangalhos, Alba, Vista-Alegre, Galitos, Esgueira, Recreio Artístico, Estarreja, Sporting de Aveiro e Beira-Mar. Com as várias delegações de atletas e respectivos estandartes alinhados, entraram no recinto os grupos do Beira-Mar e do Desportivo da C. U. F., que formaram igualmente ante a tribuna de honra.

Então, o Dr. David Cristo, Director do LITORAL e Vice-presidente da Direcção da Associação de Futebol de Aveiro proferiu o elogio das qualidades de desportista de Violas — a quem, logo após, o Dr. Francisco Gomes da Cruz, Presidente da Direcção daquele organismo, entregou a Medalha de Bom Comportamento da Federação Portuguesa de Futebol, por haver disputado 156 jogos oficiais (dos quais 97 em provas federativas) sem sofrer qualquer castigo.

Atleta brioso e pundonoroso, Violas conquistou amizades sem conta ao longo da sua carreira. No domingo, isto ficou bem patenteado — já que o valoroso keeper recebeu inúmeras prendas dos seus admiradores; da Direcção do Beira-Mar; da Tertúlia Beiramarense; da Comissão Pró-Beira-Mar; dos seus colegas de equipa; de Liberal, Calisto, Sarzola e Zeca (antigo guardião negro-amarelo); de vários clubes — Alba, Galitos, Illiabum, Lusitânia, Sanjoanense e Vista-Alegre; do treinador Anselmo Pisa; etc..

●

Por fim, para o número de fundo do programa, e sob a arbitragem do sr. Mário Silva, coadjuvado pelos srs. Carlos Paula (bancada) e Manuel Soares (peão), os grupos apresentaram:

Beira-Mar — *Violas (País); Valente, Liberal e Girão; Brandão (Amândio) e Laranjeira (Jurado); Miguel (Romeu), Cardoso, Calisto, Chaves e Romeu (Correia).*

C. U. F. — *Guimarães (Paulino); Durand, Palma e Abalroado; Mário João (ex-Benfica) e Oliveira; Correia (A'lvaro), Faia, A'lvaro (Serranito), Ferreira Pinio e Costa.*

Após a sua intervenção, logo no minuto inicial, Violas abandonou a baliza do Beira-Mar, dando uma volta de honra ao rectângulo, na companhia dos seus sucessores naquele difícil posto (País e Alves Pereira) — enquanto se procedia a uma largada de pombos-correios das sociedades columbófilas de Aveiro, Esgueira e Gafanha.

●

A primeira parte foi equilibrada e jogada em ritmo lento, moderado. Os barreirenses tiveram ascendente, no início, mas a defesa dos negros-amarelos — com País e Liberal em plano notório, sobretudo o keeper — dominou por completo os dianteiros contrários.

A passagem da meia-hora assinalou um forcing do Beira-Mar, que passou a ser mais ameaçador e impetuoso. E foi a vez de Guimarães brilhar garantindo o zero-zero com que se chegou ao descanso.

No segundo tempo, foi ainda maior a agressividade dos locais — então com um futebol melhor ordenado, por influência do rendimento do novo binário de médios; para o efeito, contribuiu ainda, e decisivamente, o irrequietismo e contagiante combatividade do extremo - esquerdo

Continua na página 5

A entrega a Violas da Medalha de Bom Comportamento que lhe foi conferida

Registo das PROVAS DISTRITAIS

I DIVISÃO

Resultados da 8.ª jornada:

Vista-Alegre - Esmoriz . . 0-1
Lusitânia - Recreio . . . 2-1
Paços de Brandão - Cesarense 3-1
Estarreja - Anadia . . . 4-1
Ovarense - Cucujães. . . . 2-0
Alba - Lamas 5-2
Arrifanense - Bustelo . . 3-1

Resultados da 9.ª jornada:

Vista-Alegre - Lusitânia . . 0-0
Recreio - Paços de Brandão . 3-2
Cesarense - Estarreja . . . 1-1
Anadia - Ovarense 5-2
Cucejães - Alba 1-1
Lamas - Arrifanense . . . 2-1
Esmoriz - Bustelo 5-1

Jogo para amanhã

Lusitânia - Esmoriz
Paços de Brandão - Vista-Alegre
Estarreja - Recreio
Ovarense - Cesarense
Alba - Anadia
Arrifanense - Cucujães
Bustelo - Lamas

RESERVAS

Resultados da 5.ª jornada

Feirense - Cucujães . . . 3-1
Lusitânia - Sanjoanense . . 1-2
Oliveirense - Beira-Mar . . 1-0
Espinho - Recreio 1-0
Ovarense - Valonguense . . 1-1

Resultado da 6.ª jornada

Valonguense - Ovarense . . 2-2

Jogos para amanhã

Sanjoanense - Lamas
Lusitânia - Feirense
Beira-Mar - Oliveirense
Ovarense - Espinho

JUNIORES

Resultados da 3.ª jornada

Esmoriz - Recreio . . . 1-11
Beira-Mar - Estarreja . . . 3-0
Alba - Anadia 1-3
Espinho - Lamas 2-0
Oliveirense - Sanjoanense . 4-1
Arrifanense - Feirense . . 1-2

Resultados da 4.ª jornada

Recreio - Alba 5-3
Estarreja - Esmoriz . . . 1-3
Anadia - Ovarense . . . 4-2
Lamas - Arrifanense . . . 5-1
Sanjoanense - Espinho . . 3-0

Jogos para amanhã

Ovarense - Recreio
Alba - Estarreja
Esmoriz - Beira-Mar
Arrifanense - Sanjoanense
Espinho - Oliveirense

De novo a sério... Recomeça a II Divisão Nacional

Com uma série de aliciantes desafios recomeça amanhã o Campeonato Nacional da II Divisão — temos, de novo, futebol «a sério»... E, em Avairo o, *prato* é deveras tentador, como se poderá ver na lista geral dos jogos programados; que são os seguintes

Braga — Marinhense
Boavista — Covilhã
Sanjoanense — Académico
Beira-Mar — Oliveirense
Castelo Branco — Espinho
Varzim — Salgueiros
Leça — Vianense

Exposições

● De Guerra de Abreu, no Teatro Aveirense

No salão de festas do Teatro Aveirense, inaugura-se hoje uma exposição de guaches, óleos e trabalhos à pena — incluindo alguns de feição humorística — do nosso apreciado colaborador Alfredo Guerra de Abreu.

O certame estará patente ao público até 25 do corrente mês.

● Nas Fábricas Aleluia

A prestigiosa Acção Cultural das Fábricas Aleluia promoveu uma Exposição de Trabalhos, em diversas modalidades, executados pelo pessoal daquele conceituado estabelecimento fabril.

O certame, que está a despertar compreensível expectativa dado o nível artístico dos expositores, abrirá no dia 12 do corrente, pelas 21 horas, no salão de festas das Fábricas, e encerrará no dia 19.

Todas as pessoas que o desejem, podem visitar a Exposição em qualquer dos referidos dias, das 18 às 20 e das 21 às 23 horas.

● No Grupo Académico Vareiro

Em Dezembro próximo, o dinâmico Grupo Académico Vareiro leva a efeito o II Salão de Arte Fotográfica de Ovar, ao qual podem concorrer todos os artistas que cumpram as prescrições do respectivo Regulamento, que pode ser directamente pedido àquela colectividade.

As produções deverão ser entregues ou enviadas até 30 de Novembro corrente.

Na Festa do Violas

Continuação da página 3

Correia, que veio dar nova alma e nova vida à equipa.

Por tudo, o triunfo revestiu-se de justiça total, pecando apenas pela exiguidade do score, que não condiz, na realidade, com o ascendente dos beiramarenses: basta lembrar, apenas, que no penúltimo minuto do desafio, Chaves perdeu o possível 2-0, ao rematar violentamente contra o poste da baliza da C. U. F..

●

Calisto, *aos 71 m., fez o golo solitário do prélio, em oportuno golpe de cabeça, após um livre apontado por Valente.*

●

A Liberal, «capitão» beiramarense, foi entregue a Taça João Martins — «Violas» — oferecida para a equipa vencedora pelos correspondentes nesta cidade dos jornais aveirenses, diários e desportivos.

Natal dos Soldados Aveirenses no Norte de Angola

Seguiram ontem para Lisboa, dirigidos à Cruz Vermelha Portuguesa, que gentilmente se encarregou de promover o seu envio para Angola, as primeiras lembranças para a celebração do Natal dos indígenas do Distrito do Uige e dos soldados aveirenses que ali se encontram a defender a soberania de Portugal.

A iniciativa, que se deve ao nosso colaborador Dr. António Cristo e que o *Litoral* gostosamente patrocina, é muito digna do auxílio dos nossos leitores, para cuja compreensão e generosidade apelamos.

As lembranças desta remessa foram acondicionadas em 72 volumes — 8 com queijos, 2 com roupas, 6 com frutas secas, 1 com tabaco, 9 com conservas de peixe, 27 com bolos secos e 19 com brinquedos — que o Comandante do Regimento de Infantaria 10, devidamente autorizado, teve a bondade de fazer transportar até Lisboa.

Contribuiram com as suas ofertas; o Governo Civil de Aveiro, com 2 caixas de conservas e muitas peças de vestuário; a Companhia Portuguesa de Celulose, com a importância de 2000$00; a Empresa Cerâmica Vouga, L.da, com 500$00; a Comissão de Proprietários e Marnotos, com o saldo de contas da homenagem que recentemente promoveu, no montante de 320$00; a firma Martins & Rebello, de Pinheiro Manso, Vale de Cambra, com 5 pacotes, de 60 porções cada, de queijo «Pic.-Nic»; a Pastelaria Estrela Ilhavense, L.da, com 3 latas e 3 meias latas de bolos secos; a firma Nunes, Rodrigues & C.a, L.da, de Fontela, Avanca, com 2 caixas de queijos; a firma Alberto Rosa, L.da, com 2 pacotes de tabaco; a firma Marabuto & C.a, L.da, com 2 ceiras de figos secos; o Café Arcada, com 2 pacotes de tabaco e 2 garrafas de vinho do Porto; a firma João da Costa Belo, Filho, com 1 ceira de figos secos; e o Café Avenida, com 20 maços de cigarros — sendo as restantes encomendas, agora enviadas, oferecidas por dois anónimos.

Nas embalagens prestaram serviços, muito de agradecer, a firma Alberto Rosa, L.da e os srs. Alberto Borralho Neves e José Manuel Ferreira Trindade.

A todos os que prometeram já o seu contributo e aos mais que queiram auxiliar a iniciativa, pede-se o favor de não demorarem a entrega das suas lembranças na Rua do Dr. Nascimento Leitão, n.º 4, ou na Redacção do *Litoral*, pois há que acondicioná-las convenientemente e remetê-las para a a Cruz Vermelha Portuguesa, em Lisboa, por forma a esta conseguir o seu rápido transporte para Luanda. Só assim poderão chegar a Carmona e serem ali entregues ao Governador do Distrito de Uíge a tempo de proceder à sua distribuição pelo Natal.

Homenagens ao Dr. Jorge da Fonseca Jorge

No salão nobre do Grémio do Comércio, realizou-se, ao fim da tarde de segunda-feira, uma homenagem promovida pelos sindicatos nacionais do Distrito ao Dr. Jorge da Fonseca Jorge, antigo Delegado em Aveiro do I. N. T. P. recentemente transferido para o Porto no exercício de idênticas funções.

Em nome dos promotores da homenagem, o sr. Ângelo Correia, Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Cerâmica, ofereceu ao sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge uma artística e valiosa salva de prata, decorada com o brasão de Aveiro e com os emblemas, esmaltados, de todos os sindicatos do Distrito.

Agradecendo a lembrança dos organismos das classes operárias, o sr. Dr. Fonseca Jorge aproveitou o ensejo para manifestar o seu reconhecimento pela prestimosa colaboração que todos lhe deram durante o exercício das suas funções em Aveiro.

★ Ainda na segunda-feira, no salão de festas do Cine-Teatro Avenida, realizou-se um jantar de despedida e homenagem ao sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge, reunindo mais de três centenas de convivas, em que se contavam dirigentes corporativos, entidades oficiais e muitos amigos do homenageado.

Enaltecendo a personalidade do sr. Dr. Fonseca Jorge e a sua acção como Delegado do I. N. T. P., usaram da Palavra os srs.: Dr. José Maria Rodrigues da Silva, Subdelegado em Aveiro daquele organismo; Dr. Vitor Gomes, Presidente da Direcção do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo; Dr. Alberto Pimentel, Dr. Bento Caldas e Dr. Francisco do Vale Guimarães; e, por último, o Governador Civil substituto, em exercício, sr. Dr. António Fernando Marques.

O sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge, no final, pronunciou um expressivo agradecimento.

Pelo Hospital

Movimento de doentes

Além do movimento das enfermarias, foi o seguinte o movimento de doentes dos quartos, nestes últimos 15 dias, que ùltimamente tem estado super-lotados, tendo havido necessidade de recorrerem a outras dependências adaptadas de emergência:

Maria de Lourdes Gonçalves Figueira, Maria Claudina da Silva Lima, Maria Leonor S. Pinto de Almeida, Maria Júlia de Oliveira Gamelas, Maria do Patrocínio Soares, Joaquim de Jesus Ferreira, Maria Luísa R. A. Fernandes, Maria da Conceição S. Campos Monteiro, Maria Fernanda N. Maia, António Alves Ferreira, Maria Elsa Ferraz Alves, Manuel Marques Mostardinha, Estêvão da Naia, Aldina Mendes Bolhão, Manuel Branco Oliveira e Manuel Paulo P. Guerra Nunes, de Aveiro; Álvaro Bastos e Amélia Marques, de Águeda; João Vaz Melão e Fernando Marques Vieira, da Quinta do Picado; Alice Fernando Rebelo Santos e Carolina Pinho, da Murtosa; Dr. António Tavares Lebre, de Verdemilho; Pedro Simões Lameiro, da Palhaça; Amália Sucena Miranda, do Sardão-Águeda; Rosa Paula Gonçalves Monteiro, de Ilhavo; António Martins de Oliveira, de Vagos; Ermelinda de Bastos, Joaquim Lourenço de Pinho e Maria Eugénia Lopes Lobo, de Sever do Vouga; Maria da Glória S. Marcos, da Barra; Olívia Maria, de Bustos; António Carvalho Souto, de Mamodeiro-Requeixo; Manuel da Graça Póvoa, da Costa Nova; Leonel Simões Vieira, da Oliveirinha; Maria Teresa Cunha Loura, de Esgueira.

Automóvel e Furgoneta

Vendem-se, pela melhor oferta, um Sinca 8 e uma Renault de caixa fechada. Ver na Rua Comandante Rocha e Cunha, 100 — AVEIRO

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	M. CALADO
Domingo	AVEIRENSE
2.ª feira	SAÚDE
3.ª feira	OUDINOT
4.ª feira	MOURA
5.ª feira	CENTRAL
6.ª feira	MODERNA

Farmácia Neto

Alguém se nos dirige perguntando por que motivo, na rubrica «Serviço de Farmácias», que usualmente publicamos, nunca figurou a Farmácia Neto, que, em Junho deste ano, abriu as suas portas na Praceta de Agostinho de Campos, no Bairro do Dr. Álvaro Sampaio.

Aí vai a resposta:

Àquela Farmácia ainda não foi concedido dia de serviço permanente — o que, de facto, já tarda.

Chegou mesmo, aliás infundadamente, a propalar-se que aquele estabelecimento tinha encerrado; e talvez até pela razão de não ter ainda a Farmácia Neto o seu dia de serviço permanente.

Julgamos dever acentuar que a Farmácia Neto continua — e certamente continuará — com as suas portas abertas, pois aquele motivo não obsta ao seu funcionamento.

Novo Delegado do I.N.T.P.

Em substituição do sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge, foi empossado no cargo de Delegado em Aveiro do I. N. T. P. o sr. Dr. Fernando Corte Real, que exercia idênticas funções em Castelo Branco.

Nova Delegada Distrital da M. P. F.

Tomou recentemente posse do cargo de Delegada Distrital da Mocidade Portuguesa Feminina a sr.ª Dr.ª D. Amélia Cecília Rosa da Cunha Matos, professora de Matemática do Liceu de Aveiro.

Aluga-se

3.º andar, na R. Eng.º Oudinot. Ver e tratar nas Fáb. Aleluia — AVEIRO.

Desenhador de Máquinas

Admite-se. Ajudante ou de 2.ª classe. Resposta à Administração ao n.º 165.

SECRET JUDICIAL
Coma veiro
An io
2.ª ão

Pelo 1. de Direito da comar Aveiro e 2.ª secção essos, correm seus uns autos de execu sentença, que o Ba cional Ultramarino, de Aveiro, move con executados *António F de Pinho*, industrial, e *Rosalina Marques G es*, doméstica, reside Esgueira, e, nos m autos, foi marcado o de Novembro, por 11 à porta do edifício do da Justiça, para arrem em 1.ª praça dos seg

Casa de ção e terreno, no lu Caião, freguesia de ra, a confrontar do m António Marques da a, sul com João Franc eto Júnior, nascente caminho e poente com Neto, inscrita na urbana da respectiva ia sob o art.º 1334, escrita na conservatór egisto Predial sob o n. , fls. 197 v do L.º B-10 e será entregue pela oferta conseguida ac seu valor matricial de $00;

O Direi ção que os ditos execut em na herança indivi seus pai e sogro resp ente, Domingos Go po, que é composta d s imobiliários, que se egue pela maior oferta conseguir acima de 17 .

Aveiro, Outubro de 1962.

O Escri Direito,
Joies

Verifiquei:

O Ju eito,
Silvino Al Vila Nova

Litoral ★ N.º 4 ro, 10-11-1962

PAULO IRANDA
CA O
AD O
Escritório a Câmara
Municipal - one 23451
AV O

EMPR ADO

Oferec — 18 anos, com o curs leto do Ensino Técnico n prática de dactilografia. a esta Redacção ao n.

Ve -se

Casa de na Rua de S. Martinho EIRO.
Informa Redacção.

Rest nte

Passa-se dos melhores locais da cid
Tratar no urante Rogério.

Tresp a-se

Oficina d alharia com todas as ferr tas em bom estado, com alvará, na Cale da Vi M. M. S. — Gafanha de é. Tel. 23547.

Ve -se

Furgonet rgwarde a gasolina 2 os traseiros, carga 1500 óptimo estado geral. M m Invicta — Travassô — eda.

O voo das aves

★ Em 17 e 25 do mês findo, o marnoto aveirense sr. Francisco Simões Instrumento abateu, próximo da Cale do Espinheiro, duas garças, portadoras de anilhas, respectivamente com os seguintes dizeres: «Museum Nat. Hist. 8 002 596 — Leiden — Holand» e «N.º 238 813 — Vogel — Warte — Heligoland — Germania».

★ No dia 31, também o sr. José Ferreira da Costa abateu, sobre a Ria de Aveiro, um garça, portadora duma anilha com a seguinte inscrição: «Riksmuseum — Stocholm — Sweden — — 9203989».

Praticante de Escritório

Admite-se com idade de 15 a 17 anos, de preferência aluno da Escola Comercial. Resposta à Administração ao n.º — 166

Estabelecimento de vinhos

Passa-se num dos melhores locais da cidade.
Tratar no **Restaurante Rogério.**

Capitão Alves Moreira

Como oportunamente referimos, o sr. Capitão António Joaquim Alves Moreira deixou as funções de Comandante da P. S. P. de Aveiro, por ter sido nomeado para prestar serviço no Ultramar.

Muito nos apraz registar agora nestas colunas o honroso louvor ao ilustre oficial aveirense que o Comandante-Geral da P. S. P., sr. Brigadeiro Fernando de Magalhães Abreu Marques e Oliveira, fez publicar na Ordem de Serviço N.º 59, de 12 de Outubro findo:

«Louvo o Capitão António Joaquim Alves Moreira, Comandante-Distrital da P. S. P. de Aveiro, pelas suas excepcionais qualidades de trabalho e competência técnica, que, aliadas a uma perfeita integração nas directivas deste Comando Geral, e a uma dedicação e desembaraço notáveis, fizeram com que a sua contribuição para a disciplina, nível profissional e prestígio público da Corporação tenha atingido no seu Distrito um elevado grau. Em face de anunciadas tentativas de alteração da ordem pública, a decorrer em Aveiro, conseguiu ainda, mercê das acertadas e oportunas medidas que tomou e da sua acção pessoal, que nada ocorresse, mantendo sempre a ordem na rua.

«Manifestou em tudo ser um leal e valioso colaborador do Comando-Geral.»

O Aniversário do Armistício

Amanhã, na passagem de mais um aniversário sobre a data do Armistício de 1918, a Agência de Aveiro da Liga dos Combatentes da Grande Guerra promove, nesta cidade, as costumadas cerimónias evocativas da efeméride.

Haverá, às 10 horas, uma concentração junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, a que se seguirá uma romagem de saudade ao Talhão dos Antigos Combatentes no Cemitério Sul.

Serviços Municipalizados de Aveiro

Aviso

Por motivo de trabalhos urgentes na Subestação destes Serviços Municipalizados, avisam-se os Ex.mos Consumidores de energia eléctrica de que, será interrompido o fornecimento, no ***próximo domingo, 11, das 6 às 11 horas.***

Porque pode haver necessidade de ligar a corrente em qualquer momento, ***todas as instalações devem ser consideradas****, para efeito das precauções a tomar,* ***como estando permanentemente em carga.***

Aveiro, 9 de Novembro de 1962

O Engenheiro Director-Delegado,
António Galoso Henriques

Obras Camarárias

Continuam em bom ritmo os trabalhos de urbanização do Largo de Maia Magalhães e as obras de pavimentação, a xadrez preto e branco, dos passeios na Rua do Dr. Nascimento Leitão, a Norte do Museu Regional.

AUTOMÓVEL
VENDE-SE AUSTIN A-40
Barato. Em bom estado. Motivo retirada. Informa N. BOIA — B.N.U.
AVEIRO

Venda em Hasta Pública

No dia 11 de Novembro, no lugar da Quinta do Qato — Sol Posto, proceder-se-á à venda da casa e quintal que foi de Luís Quaresma, com 6000 m. q. e árvores de fruta, vinha e água com abundância. Caso o preço oferecido não convenha, fica transferido para o domingo seguinte.

Para informações: Vasco Valente, Forca, Telef, 23759.

Morris Oxford

Por motivo de retirada, vende-se. Estado impecável. Tratar com José Correia Bolhão, Rua dos Galitos, 13 — AVEIRO.

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje, 10 — A sr.ª D. Maria Emília de Jesus Bolhão; o nosso apreciado colaborador Dr. Humberto Leitão e os srs. João de Oliveira, Alfredo Pessegueiro e João Evangelista de Morais Sarmento; e o menino Henrique Manuel Ferreira Ramos Vaz Duarte, filho do sr. Capitão Avelino Tavares Vaz Duarte.

Amanhã, 11 — As sr.as D. Joana Robalo, esposa do sr. Jeremias da Conceição, e D. Maria Ermelinda de Melo Picado Osório, esposa do sr. Dr. Augusto de Mendonça Sá Osório; os srs. Carlos Valente Benedito e António Fernando Marcela Santos; e as meninas Maria Regina Sobreiro, filha do sr. Arquitecto Júlio Sobreiro, Maria de Lourdes Pereira Campos Amorim, filha do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim.

Em 12 — As sr.as D. Maria José Carvalho da Cunha, esposa do sr. António Marques da Cunha, e D. Virgínia Marques Roque, esposa do sr. Albino Roque, residentes em Luanda; os srs. Manuel Alberto e António Júlio Gamelas Simões Vieira, filhos do saudoso João Vieira; e a menina Maria Teresa da Silva Coutinho, filha do sr. Alberto Rodrigues Coutinho.

Em 13 — As sr.as D. Alice Duarte Marques, esposa do sr. António Marques, e D. Maria da Piedade Marques, esposa do sr. Fradique da Bárbara; e os srs. Bernardo Marques dos Santos, Mário de Melo e Silva, ausente nos Estados Unidos da América do Norte, e Sargento-Ajudante da Armada Manuel Andrade de Carvalho.

Em 14 — As sr.as D. Ausenda Testa, D. Preciosa Soares França, esposa do sr. Eloi de Oliveira Gomes, e D. Deolinda Vagos Justiça, esposa do sr. José da Silva Justiça, ausentes em Nova Lisboa (Angola); os srs. José de Oliveira, ausente na Beira (Moçambique), e António Augusto Azevedo Novo; e a menina Maria José de Figueiredo Soares, filha do sr. Zeferino Soares.

Em 15 — A sr.ª D. Olímpia Ferreira dos Santos, esposa do sr João dos Santos; e os srs. Manuel Gamelas e Eduardo Manuel Neves Fernandes.

Em 16 — As sr.as D. Ester Lebre Amaral Fartura Pereira, esposa do sr. Severiano Pereira, e prof.ª D. Maria Eneida Lopes Brites, filha do sr. Tenente João Baptista do Amaral Brites; os srs. Capitão João António Ferreira Fernandes, João Mota e Manuel Angelo da Silva Lemos, filho do sr. Ângelo Abranches de Lemos; e a menina Branca Clara Agualusa de Sousa Rebocho, filha do sr. Carlos Eugénio Correia de Sousa Rebocho.

CASAMENTOS

★ Na Capela de S. João, na Barra, realizou-se, no domingo, o casamento da sr.ª D. Maria Armanda Teixeira Simões, filha da sr.ª D. Laura Fernandes Teixeira e do sr. Dr. Armando Rodrigues Simões, com o nosso dedicado colaborador Francisco Fernando da Encarnação Dias, filho da sr.ª D. Conceição Barbosa da Encarnação e do saudoso António Dias da Conceição.

Celebrou missa o Rev.º Padre Manuel da Silva Simão, Vice-reitor do Seminário Diocesano, tendo presidido à cerimónia o Rev.º Padre António Maria Valente de Matos, Reitor da Freguesia de S. Crispim, do Porto.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Augusta da Conceição Teixeira Simões e o sr. António Pereira Duarte; e, pelo noivo, a sr.ª D. Ascenção de Oliveira Salgueiro e o sr. Egas Salgueiro.

★ Também no domingo, na Capela da Quinta da Ladeira, em Sever do Vouga, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Teresa Pereira Campos Amorim, filha da sr.ª D. Lourdes Pereira Campos Amorim e do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, com o estudante de Medicina sr. Fernando Gabriel Pereira Teixeira de Faria, filho da sr.ª D. Maria Alice Pereira Teixeira de Faria e do sr. Dr. Gabriel Teixeira de Faria.

Foi oficiante o Rev.º Padre Joaquim Martins de Pinho, Prior de Sever do Vouga, tendo servido de Padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Argentina Pereira Campos e o sr. Dr. Augusto Morais Campos de Melo; e, pelo noivo, a sr.ª D. Albertina Teixeira de Faria e o sr. Adelino Pereira de Faria.

★ Ainda no domingo, em Eixo, realizou-se o casamento da sr.ª D. Zita Maria Ferreira Barbosa, filha da sr.ª D. Rosa Ferreira da Costa e do sr. Sebastião Martins Barbosa, com o sr. Armando da Silva Fernandes, filho da sr.ª D. Maria Helena Nunes da Silva e do sr. Manuel Marques Fernandes.

Presidiu à cerimónia o Rev.º Padre João Baptista Simões.

Aos novos lares desejamos as melhores felicidades

BAPTIZADO

No dia 27 de Outubro último, realizou-se, na igreja de S. Gonçalo, o baptizado do menino António Manuel, filho da sr.ª D. Maria Manuela do Amaral Vicente de Matos Ferreira da Maia e do sr. Dr. Francisco de Assis Bernardo Ferreira da Maia, neto materno da s.ª D. Madalena Vicente de Matos e do sr. Tenente-coronel Virgílio de Matos, e neto paterno da sr.ª prof.ª D. Olinda Miguéis Ferreira da Maia e do sr. Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia.

Foram padrinhos a sr.ª D. Lourdes de Almeida Matos e seu marido, sr. Dr. Manuel de Almeida Matos.

Os nossos parabéns

DOENTES

★ Tem experimentado sensíveis melhoras, com o que muito folgamos, o nosso bom amigo sr. Jeremias dos Santos Moreira.

★ Adoeceu, felizmente sem gravidade, o colaborador do *Litoral* e nosso amigo João António de Morais Sarmento.

★ Com ligeiras melhoras, encontra-se ainda em tratamento, no Hospital do Carmo, no Porto, o sr. Antero dos Santos.

★ Na sua habitual cura de águas, encontra-se nas Termas de Monte Real o sr. António de Barros Paula Santos, funcionário da Agência de Aveiro do Banco de Portugal.

Aos enfermos desejamos pronto e completo restabelecimento

VIMOS EM AVEIRO:

— o nosso apreciado colaborador Dr. Serafim Gabriel Soares da Graça.

— o conhecido musicógrafo José Queirós, antigo e distinto professor do Liceu Nacional de Aveiro, que actualmente ensina no Liceu de Lourenço Marques.

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

CENTENÁRIO DA MORTE DE JOSÉ ESTÊVÃO

AGRADECIMENTO

A Comissão Municipal de Cultura, encarregada das Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão Coelho de Magalhães não pode deixar de lembrar com desvanecimento a prestimosa colaboração que muitas pessoas, a Imprensa e diversas entidades e colectividades lhe prestaram para o bem se desempenhar da sua missão. Por isso mesmo, e no desejo de evitar omissões, agradece pùblicamente a todos os que a auxiliaram a cumprir a difícil incumbência com que a Câmara Municipal de Aveiro a honrou.

AVEIRO, 5 de Novembro de 1962

A Comissão

Declaração

Eu, José Rodrigues Pinheiro, ausente na cidade de London, província de Ontário, Canadá, declaro, para os devidos efeitos, que não me responsabilizo por qualquer dívida que venha a contrair minha mulher, Aurora Marques da Conceição, residente no lugar da Presa, freguesia de Vera-Cruz, Aveiro.

a) — *José Rodrigues Pinheiro*

(Segue-se o reconhecimento da assinatura)

1.º ANDAR — PRECISA-SE

— com 3 divisões e quarto de banho em local central da cidade, para consultório médico. Resposta ao n.º 161 deste jornal, indicando preço.

Exposições

● De Guerra de Abreu, no Teatro Aveirense

No salão de festas do Teatro Aveirense, inaugura-se hoje uma exposição de guaches, óleos e trabalhos à pena — incluindo alguns de feição humorística — do nosso apreciado colaborador Alfredo Guerra de Abreu.

O certame estará patente ao público até 25 do corrente mês.

● Nas Fábricas Aleluia

A prestigiosa Acção Cultural das Fábricas Aleluia promoveu uma Exposição de Trabalhos, em diversas modalidades, executados pelo pessoal daquele conceituado estabelecimento fabril.

O certame, que está a despertar compreensível expectativa dado o nível artístico dos expositores, abrirá no dia 12 do corrente, pelas 21 horas, no salão de festas das Fábricas, e encerrará no dia 19.

Todas as pessoas que o desejem, podem visitar a Exposição em qualquer dos referidos dias, das 18 às 20 e das 21 às 23 horas.

● No Grupo Académico Vareiro

Em Dezembro próximo, o dinâmico Grupo Académico Vareiro leva a efeito o II Salão de Arte Fotográfica de Ovar, *ao qual podem concorrer todos os artistas que cumpram as prescrições do respectivo Regulamento, que pode ser directamente pedido àquela colectividade.*

As produções deverão ser entregues ou enviadas até 30 de Novembro corrente.

Na Festa do Violas

Continuação da página 3

Correia, que veio dar nova alma e nova vida à equipa.

Por tudo, o triunfo revestiu-se de justiça total, pecando apenas pela exiguidade do score, *que não condiz, na realidade, com o ascendente dos beiramarenses: basta lembrar, apenas, que no penúltimo minuto do desafio, Chaves perdeu o possível 2-0, ao rematar violentamente contra o poste da baliza da C. U. F..*

●

Calisto, *aos 71 m., fez o golo solitário do prélio, em oportuno golpe de cabeça, após um livre apontado por Valente.*

●

A Liberal, «capitão» beiramarense, foi entregue a Taça João Martins — «Violas» — *oferecida para a equipa vencedora pelos correspondentes nesta cidade dos jornais aveirenses, diários e desportivos.*

Natal dos Soldados Aveirenses no Norte de Angola

Seguiram ontem para Lisboa, dirigidos à Cruz Vermelha Portuguesa, que gentilmente se encarregou de promover o seu envio para Angola, as primeiras lembranças para a celebração do Natal dos indígenas do Distrito do Uige e dos soldados aveirenses que ali se encontram a defender a soberania de Portugal.

A iniciativa, que se deve ao nosso colaborador Dr. António Cristo e que o *Litoral* gostosamente patrocina, é muito digna do auxílio dos nossos leitores, para cuja compreensão e generosidade apelamos.

As lembranças desta remessa foram acondicionadas em 72 volumes — 8 com queijos, 2 com roupas, 6 com frutas secas, 1 com tabaco, 9 com conservas de peixe, 27 com bolos secos e 19 com brinquedos — que o Comandante do Regimento de Infantaria 10, devidamente autorizado, teve a bondade de fazer transportar até Lisboa.

Contribuiram com as suas ofertas; o Governo Civil de Aveiro, com 2 caixas de conservas e muitas peças de vestuário; a Companhia Portuguesa de Celulose, com a importância de 2000$00; a Empresa Cerâmica Vouga, L.da, com 500$00; a Comissão de Proprietários e Marnotos, com o saldo de contas da homenagem que recentemente promoveu, no montante de 320$00; a firma Martins & Rebello, de Pinheiro Manso, Vale de Cambra, com 5 pacotes, de 60 porções cada, de queijo «Pic.-Nic»; a Pastelaria Estrela Ilhavense, L.da, com 3 latas e 3 meias latas de bolos secos; a firma Nunes, Rodrigues & C.a, L.da, de Fontela, Avanca, com 2 caixas de queijos; a firma Alberto Rosa, L.da, com 2 pacotes de tabaco; a firma Marabuto & C.a, L.da, com 2 ceiras de figos secos; o Café Arcada, com 2 pacotes de tabaco e 2 garrafas de vinho do Porto; a firma João da Costa Belo, Filho, com 1 ceira de figos secos; e o Café Avenida, com 20 maços de cigarros — sendo as restantes encomendas, agora enviadas, oferecidas por dois anónimos.

Nas embalagens prestaram serviços, muito de agradecer, a firma Alberto Rosa, L.da e os srs. Alberto Borralho Neves e José Manuel Ferreira Trindade.

A todos os que prometeram já o seu contributo e aos mais que queiram auxiliar a iniciativa, pede-se o favor de não demorarem a entrega das suas lembranças na Rua do Dr. Nascimento Leitão, n.º 4, ou na Redacção do *Litoral,* pois há que acondicioná-las convenientemente e remetê-las para a a Cruz Vermelha Portuguesa, em Lisboa, por forma a esta conseguir o seu rápido transporte para Luanda. Só assim poderão chegar a Carmona e serem ali entregues ao Governador do Distrito de Uíge a tempo de proceder à sua distribuição pelo Natal.

Homenagens ao Dr. Jorge da Fonseca Jorge

No salão nobre do Grémio do Comércio, realizou-se, ao fim da tarde de segunda-feira, uma homenagem promovida pelos sindicatos nacionais do Distrito ao Dr. Jorge da Fonseca Jorge, antigo Delegado em Aveiro do I. N. T. P. recentemente transferido para o Porto no exercício de idênticas funções.

Em nome dos promotores da homenagem, o sr. Ângelo Correia, Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Cerâmica, ofereceu ao sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge uma artística e valiosa salva de prata, decorada com o brasão de Aveiro e com os emblemas, esmaltados, de todos os sindicatos do Distrito.

Agradecendo a lembrança dos organismos das classes operárias, o sr. Dr. Fonseca Jorge aproveitou o ensejo para manifestar o seu reconhecimento pela prestimosa colaboração que todos lhe deram durante o exercício das suas funções em Aveiro.

★ Ainda na segunda-feira, no salão de festas do Cine-Teatro Avenida, realizou-se um jantar de despedida e homenagem ao sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge, reunindo mais de três centenas de convivas, em que se contavam dirigentes corporativos, entidades oficiais e muitos amigos do homenageado.

Enaltecendo a personalidade do sr. Dr. Fonseca Jorge e a sua acção como Delegado do I. N. T. P., usaram da Palavra os srs.: Dr. José Maria Rodrigues da Silva, Subdelegado em Aveiro daquele organismo; Dr. Vitor Gomes, Presidente da Direcção do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo; Dr. Alberto Pimentel, Dr. Bento Caldas e Dr. Francisco do Vale Guimarães; e, por último, o Governador Civil substituto, em exercício, sr. Dr. António Fernando Marques.

O sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge, no final, pronunciou um expressivo agradecimento.

Pelo Hospital

Movimento de doentes

Além do movimento das enfermarias, foi o seguinte o movimento de doentes dos quartos, nestes últimos 15 dias, que ùltimamente tem estado super-lotados, tendo havido necessidade de recorrerem a outras dependências adaptadas de emergência:

Maria de Lourdes Gonçalves Figueira, Maria Claudina da Silva Lima, Maria Leonor S. Pinto de Almeida, Maria Júlia de Oliveira Gamelas, Maria do Patrocínio Soares, Joaquim de Jesus Ferreira, Maria Luísa R. A. Fernandes, Maria da Conceição S. Campos Monteiro, Maria Fernanda N. Maia, António Alves Ferreira, Maria Elsa Ferraz Alves, Manuel Marques Mostardinha, Estêvão da Naia, Aldina Mendes Bolhão, Manuel Branco Oliveira e Manuel Paulo P. Guerra Nunes, de Aveiro; Álvaro Bastos e Amélia Marques, de Águeda; João Vaz Melão e Fernando Marques Vieira, da Quinta do Picado; Alice Fernando Rebelo Santos e Carolina Pinho, da Murtosa; Dr. António Tavares Lebre, de Verdemilho; Pedro Simões Lameiro, da Palhaça; Amália Sucena Miranda, do Sardão-Águeda; Rosa Paula Gonçalves Monteiro, de Ilhavo; António Martins de Oliveira, de Vagos; Ermelinda de Bastos, Joaquim Lourenço de Pinho e Maria Eugénia Lopes Lobo, de Sever do Vouga; Maria da Glória S. Marcos, da Barra; Olívia Maria, de Bustos; António Carvalho Souto, de Mamodeiro-Requeixo; Manuel da Graça Póvoa, da Costa Nova; Leonel Simões Vieira, da Oliveirinha; Maria Teresa Cunha Loura, de Esgueira.

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado . . .	M. CALADO
Domingo . . .	AVEIRENSE
2.ª feira . . .	SAÚDE
3.ª feira . . .	OUDINOT
4.ª feira . . .	MOURA
5.ª feira . . .	CENTRAL
6.ª feira . . .	MODERNA

Farmácia Neto

Alguém se nos dirige perguntando por que motivo, na rubrica «Serviço de Farmácias», que usualmente publicamos, nunca figurou a Farmácia Neto, que, em Junho deste ano, abriu as suas portas na Praceta de Agostinho de Campos, no Bairro do Dr. A'lvaro Sampaio.

Aí vai a resposta:

Àquela Farmácia ainda não foi concedido dia de serviço permanente — o que, de facto, já tarda.

Chegou mesmo, aliás infundadamente, a propalar-se que aquele estabelecimento tinha encerrado; e talvez até pela razão de não ter ainda a Farmácia Neto o seu dia de serviço permanente.

Julgamos dever acentuar que a Farmácia Neto continua — e certamente continuará — com as suas portas abertas, pois aquele motivo não obsta ao seu funcionamento.

Novo Delegado do I.N.T.P.

Em substituição do sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge, foi empossado no cargo de Delegado em Aveiro do I. N. T. P. o sr. Dr. Fernando Corte Real, que exercia idênticas funções em Castelo Branco.

Nova Delegada Distrital da M. P. F.

Tomou recentemente posse do cargo de Delegada Distrital da Mocidade Portuguesa Feminina o sr.ª Dr.ª D. Amélia Cecília Rosa da Cunha Matos, professora de Matemática do Liceu de Aveiro.

SECRET[...]JUDICIAL
Coma[...]veiro
An[...]io
2.ª [...]ão

Pelo 1[...] de Direito da comar[...] Aveiro e 2.ª secção [...]essos, correm seus [...]uns autos de execu[...] sentença, que o *Ba[...]cional Ultramarino* [...]*de Aveiro,* move con[...] executados *António F[...] de Pinho,* industrial, e[...] *Rosalina Marques G[...]es,* doméstica, reside[...] Esgueira, e, nos m[...] autos, foi marcado o [...] de Novembro, por 11 [...] à porta do edifício do [...] da Justiça, para arrem[...] em 1.ª praça dos seg[...]

Casa d[...]ção e terreno, no lu[...] Caião, freguesia de [...]ra, a confrontar do [...]m António Marques d[...]a, sul com João Franc[...]eto Júnior, nascente [...] caminho e poente com [...] Neto, inscrita na m[...] urbana da respectiva [...]ia sob o art.º 1334 [...] escrita na conservatór[...] egisto Predial sob o n.[...], fls. 197 v do L.º B-10 [...] e será entregue pela [...] oferta conseguida aci[...] seu valor matricial de [...]$00;

O Direi[...]ção que os ditos execut[...]m na herança indivi[...]seus pai e sogro resp[...]ente, Domingos Go[...]po, que é composta d[...]s imobiliários, que se[...]egue pela maior oferta [...] conseguir acima de 17[...].

Aveiro, Outubro de 1962.

O Escri[...]Direito,
Jo[...]es

Verifiquei:
O Jui[...]eito,
Silvino Al[...]Vila Nova

Litoral ★ N.º 4[...]ro, 10-11-1962

Capitão Alves Moreira

Como oportunamente referimos, o sr. Capitão António Joaquim Alves Moreira deixou as funções de Comandante da P. S. P. de Aveiro, por ter sido nomeado para prestar serviço no Ultramar.

Muito nos apraz registar agora nestas colunas o honroso louvor ao ilustre oficial aveirense que o Comandante-Geral da P. S. P., sr. Brigadeiro Fernando de Magalhães Abreu Marques e Oliveira, fez publicar na Ordem da Serviço N.º 59, de 12 de Outubro findo:

«Louvo o Capitão António Joaquim Alves Moreira, Comandante-Distrital da P. S. P. de Aveiro, pelas suas excepcionais qualidades de trabalho e competência técnica, que, aliadas a uma perfeita integração nas directivas deste Comando Geral, e a uma dedicação e desembaraço notáveis, fizeram com que a sua contribuição para a disciplina, nível profissional e prestígio público da Corporação tenha atingido no seu Distrito um elevado grau. Em face de anunciadas tentativas de alteração da ordem pública, a decorrer em Aveiro, conseguiu ainda, mercê das acertadas e oportunas medidas que tomou e da sua acção pessoal, que nada ocorresse, mantendo sempre a ordem na rua.

«Manifestou em tudo ser um leal e valioso colaborador do Comando-Geral.»

O Aniversário do Armistício

Amanhã, na passagem de mais um aniversário sobre a data do Armistício de 1918, a Agência de Aveiro da Liga dos Combatentes da Grande promove, nesta cidade, as costumadas cerimónias evocativas da efeméride.

Haverá, às 10 horas, uma concentração junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, a que se seguirá uma romagem de saudade ao Talhão dos Antigos Combatentes no Cemitério Sul.

Serviços Municipalizados de Aveiro

Aviso

Por motivo de trabalhos urgentes na Subestação destes Serviços Municipalizados, avisam-se os Ex.mos Consumidores de energia eléctrica de que, será interrompido o fornecimento, **no próximo domingo, 11, das 6 às 11 horas.**

Porque pode haver necessidade de ligar a corrente em qualquer momento, **todas as instalações devem ser consideradas,** *para efeito das precauções a tomar, como estando* **permanentemente em carga.**

Aveiro, 9 de Novembro de 1962

O Engenheiro Director-Delegado,
António Galoso Henriques

Obras Camarárias

Continuam em bom ritmo os trabalhos de urbanização do Largo de Maia Magalhães e as obras de pavimentação, a xadrez preto e branco, dos passeios na Rua do Dr. Nascimento Leitão, a Norte do Museu Regional.

Venda em Hasta Pública

No dia 11 de Novembro, no lugar da Quinta do Qato — Sol Posto, proceder-se-á à venda da casa e quintal que foi de Luís Quaresma, com 6000 m. q. e árvores de fruta, vinha e água com abundância. Caso o preço oferecido não convenha, fica transferido para o domingo seguinte.

Para informações: Vasco Valente, Forca, Telef, 23759.

O voo das aves

★ Em 17 e 25 do mês findo, o marnoto aveirense sr. Francisco Simões Instrumento abateu, próximo da Cale do Espinheiro, duas garças, portadoras de anilhas, respectivamente com os seguintes dizeres: «Museum Nat. Hist. 8002596 — Leiden — Holand» e «N.º 238813 — Vogel — Warte — Heligoland — Germania».

★ No dia 31, também o sr. José Ferreira da Costa abateu, sobre a Ria de Aveiro, um garça, portadora duma anilha com a seguinte inscrição: «Riksmuseum — Stocholm — Sweden — — 9203989».

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje, 10 — A sr.ª D. Maria Emília de Jesus Bolhão; o nosso apreciado colaborador Dr. Humberto Leitão e os srs. João de Oliveira, Alfredo Pessegueiro e João Evangelista de Morais Sarmento; e o menino Henrique Manuel Ferreira Ramos Vaz Duarte, filho do sr. Capitão Avelino Tavares Vaz Duarte.

Amanhã, 11 — As sr.as D. Joana Robalo, esposa do sr. Jeremias da Conceição, e D. Maria Ermelinda de Melo Picado Osório, esposa do sr. Dr. Augusto de Mendonça Sá Osório; os srs. Carlos Valente Benedito e António Fernando Marcela Santos; e as meninas Maria Regina Sobreiro, filha do sr. Arquitecto Júlio Sobreiro, Maria de Lourdes Pereira Campos Amorim, filha do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim.

Em 12 — As sr.as D. Maria José Carvalho da Cunha, esposa do sr. António Marques da Cunha, e D. Virgínia Marques Roque, esposa do sr. Albino Roque, residentes em Luanda; os srs. Manuel Alberto e António Júlio Gamelas Simões Vieira, filhos do saudoso João Vieira; e a menina Maria Teresa da Silva Coutinho, filha do sr. Alberto Rodrigues Coutinho.

Em 13 — As sr.as D. Alice Duarte Marques, esposa do sr. António Marques, e D. Maria da Piedade Marques, esposa do sr. Fradique da Bárbara; e os srs. Bernardo Marques dos Santos, Mário de Melo e Silva, ausente nos Estados Unidos da América do Norte, e Sargento-Ajudante da Armada Manuel Andrade de Carvalho.

Em 14 — As sr.as D. Ausenda Testa, D. Preciosa Soares França, esposa do sr. Eloi de Oliveira Gomes, e D. Deolinda Vagos Justiça, esposa do sr. José da Silva Justiça, ausentes em Nova Lisboa (Angola); os srs. José de Oliveira, ausente na Beira (Moçambique), e António Augusto Azevedo Novo; e a menina Maria José de Figueiredo Soares, filha do sr. Zeferino Soares.

Em 15 — A sr.ª D. Olímpia Ferreira dos Santos, esposa do sr João dos Santos; e os srs. Manuel Gamelas e Eduardo Manuel Neves Fernandes.

Em 16 — As sr.as D. Ester Lebre Amaral Fartura Pereira, esposa do sr. Severiano Pereira, e prof.ª D. Maria Eneida Lopes Brites, filha do sr. Tenente João Baptista do Amaral Brites; os srs. Capitão João António Ferreira Fernandes, João Mota e Manuel Angelo da Silva Lemos, filho do sr. Ângelo Abranches de Lemos; e a menina Branca Clara Agualusa de Sousa Rebocho, filha do sr. Carlos Eugénio Correia de Sousa Rebocho.

CASAMENTOS

★ Na Capela de S. João, na Barra, realizou-se, no domingo, o casamento da sr.ª D. Maria Armanda Teixeira Simões, filha da sr.ª D. Laura Fernandes Teixeira e do sr. Dr. Armando Rodrigues Simões, com o nosso dedicado colaborador Francisco Fernando da Encarnação Dias, filho da sr.ª D. Conceição Barbosa da Encarnação e do saudoso António Dias da Conceição.

Celebrou missa o Rev.º Padre Manuel da Silva Simão, Vice-reitor do Seminário Diocesano, tendo presidido à cerimónia o Rev.º Padre António Maria Valente de Matos, Reitor da Freguesia de S. Crispim, do Porto.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Augusta da Conceição Teixeira Simões e o sr. António Pereira Duarte; e, pelo noivo, a sr.ª D. Ascenção de Oliveira Salgueiro e o sr. Egas Salgueiro.

★ Também no domingo, na Capela da Quinta da Ladeira, em Sever do Vouga, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Teresa Pereira Campos Amorim, filha da sr.ª D. Lourdes Pereira Campos Amorim e do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, com o estudante de Medicina sr. Fernando Gabriel Pereira Teixeira de Faria, filho da sr.ª D. Maria Alice Pereira Teixeira de Faria e do sr. Dr. Gabriel Teixeira de Faria.

Foi oficiante o Rev.º Padre Joaquim Martins de Pinho, Prior de Sever do Vouga, tendo servido de Padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Argentina Pereira Campos e o sr. Dr. Augusto Morais Campos de Melo; e, pelo noivo, a sr.ª D. Albertina Teixeira de Faria e o sr. Adelino Pereira de Faria.

★ Ainda no domingo, em Eixo, realizou-se o casamento da sr.ª D. Zita Maria Ferreira Barbosa, filha da sr.ª D. Rosa Ferreira da Costa e do sr. Sebastião Martins Barbosa, com o sr. Armando da Silva Fernandes, filho da sr.ª D. Maria Helena Nunes da Silva e do sr. Manuel Marques Fernandes.

Presidiu à cerimónia o Rev.º Padre João Baptista Simões.

Aos novos lares desejamos as melhores felicidades

BAPTIZADO

No dia 27 de Outubro último, realizou-se, na igreja de S. Gonçalo, o baptizado do menino António Manuel, filho da sr.ª D. Maria Manuela do Amaral Vicente de Matos Ferreira da Maia e do sr. Dr. Francisco de Assis Bernardo Ferreira da Maia, neto materno da s.ª D. Madalena Vicente de Matos e do sr. Tenente-coronel Virgílio de Matos, e neto paterno da sr.ª prof.ª D. Olinda Miguéis Ferreira da Maia e do sr. Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia.

Foram padrinhos a sr.ª D. Lourdes de Almeida Matos e seu marido, sr. Dr. Manuel de Almeida Matos.

Os nossos parabéns

DOENTES

★ Tem experimentado sensíveis melhoras, com o que muito folgamos, o nosso bom amigo sr. Jeremias dos Santos Moreira.

★ Adoeceu, felizmente sem gravidade, o colaborador do *Litoral* e nosso amigo João António de Morais Sarmento.

★ Com ligeiras melhoras, encontra-se ainda em tratamento, no Hospital do Carmo, no Porto, o sr. Antero dos Santos.

★ Na sua habitual cura de águas, encontra-se nas Termas de Monte Real o sr. António de Barros Paula Santos, funcionário da Agência de Aveiro do Banco de Portugal.

Aos enfermos desejamos pronto e completo restabelecimento

VIMOS EM AVEIRO:

— o nosso apreciado colaborador Dr. Serafim Gabriel Soares da Graça.

— o conhecido musicógrafo José Queirós, antigo e distinto professor do Liceu Nacional de Aveiro, que actualmente ensina no Liceu de Lourenço Marques.

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO
CENTENÁRIO DA MORTE DE JOSÉ ESTÊVÃO
AGRADECIMENTO

A Comissão Municipal de Cultura, encarregada das Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão Coelho de Magalhães não pode deixar de lembrar com desvanecimento a prestimosa colaboração que muitas pessoas, a Imprensa e diversas entidades e colectividades lhe prestaram para bem se desempenhar da sua missão. Por isso mesmo, e no desejo de evitar omissões, agradece pùblicamente a todos os que a auxiliaram a cumprir a difícil incumbência com que a Câmara Municipal de Aveiro a honrou.

AVEIRO, 5 de Novembro de 1962

A Comissão

Declaração

Eu, José Rodrigues Pinheiro, ausente na cidade de London, província de Ontário, Canadá, declaro, para os devidos efeitos, que não me responsabilizo por qualquer dívida que venha a contraír minha mulher, Aurora Marques da Conceição, residente no lugar da Presa, freguesia da Vera-Cruz, Aveiro.

a) — *José Rodrigues Pinheiro*

(Segue-se o reconhecimento da assinatura)

O Centenário da Morte de José Estêvão

Continuação da última página

equacionou há mais de cem anos em termos lapidares, num dos seus discursos sobre a criação da câmara dos gases:

« Porque eu não conheço a liberdade sem ordem, nem ordem sem liberdade. Infelizes de nós se esta diversidade de tendências fosse real e verdadeira ».

E mais adiante, camo que profèticamente, proclama:

« Temo que a liberdade se desacredite no nosso país, e que, quando procurarmos o povo português, o achemos entregue ou à inacção da indiferença ou ao frenesim da anarquia. De qualquer destas desgraças não há-de a responsabilidade cair sobre mim ».

Também nos aspectos económicos e sociais os pontos da vista de José Estêvão têm perfeita actualidade'

« A propriedade é o primeiro elemento da civilização e a mais forte coluna da liberdade ».

Disse isto, depois de confessar a sua pobreza, mas logo a seguir acrescenta:

« Fortalecer um privilégio com a propriedade, isso razoável é, mas fortalecer a propriadade com o privilégio, é inútil e perigoso ».

E a seguir:

« Se se pretende estabilizar um corpo, que, cercado de privilégio se esforce sempre por conservar no país as instituições que lhes garantem, já se vê que esta estabilidade é um verdadeiro sacrifício das massas. O sacrifício das massas é tirania ».

Advoga o equilíbrio social quando sustenta e prevê que a classe média tende para absorver todas as outras e que

« Por uma lei constante, a demacracia marcha à conquista de todas as instituições sociais ».

outra questão que o Ocidente debate sem se afastar dos termos em que Ele a apresentou.

Com estas rápidas alusões ao pensamento político, económico e social de José Estêvão pretendi comprovar a afirmação anterior de que é ainda pelo seu ideário que o mundo civilizado, o mundo cristão a que Portugal pertence, luta e sofre e não desarma porque tem a consciência de que se abrandasse a vigilância seria presa da perversão, do direito da força, do mais grosseiro materialismo.

Aveirenses:

Ao lado da figura nacional esteve sempre em José Estêvão o homem de Aveiro. Esta sua e nossa terra acompanhou-o em todos os momentos. No seu coração e na sua inteligência ela vivia na primeira fila das suas preocupações.

Sonhou-a em grande. Com a visão rasgada dos homens superiores viu nela as potencialidades precisas para ser um dos principais centros económicos de Portugal. Mas era indispensável dotá-la dos meios que lhe permitissem realizar o seu próprio progresso. Daí a sua luta de gigante pela construção do Porto de Mar. Daí a sua campanha, única pelo vigor e persistência que lhe emprestou, a favor da passagem da linha férrea pela cidade, quando o projecto da Companhia a traçava muito afastada de Aveiro. Campanha memorável essa em que não afroxou quando lhe ofereceram cem contos — hoje muitos milhares — para renunciar a ela. Venceu. Mas não viu nem uma nem outra dessas obras vitais. Foi, porém, já pelo caminho de ferro, que o seu corpo veio de Lisboa para aqui, onde o receberam os seus contemoorâneos em soluços de dor e desespero.

Deve assim a nossa terra a José Estêvão o abrir das grandes coordenadas que a transformaram no que é hoje e no que virá a ser amanhã — ainda maior, ainda mais rica, ainda mais progressiva, ainda mais livre, ainda mais independente.

Ao lado destes grandes serviços, muitos outros constam do rol de José Estêvão. Recordo apenas a estrada para a Costa Nova — a primeira e até ao presente a única rasgada pelo meio da Ria, e o Liceu, o Liceu que durante quase um século o teve como patrono.

Foi sempre, em todos os momentos, e em todas as circunstâncias, o Aveirense.

Ele próprio, em manifesto dirigido aos eleitores de Aveiro, ainda hoje verdadeiro modelo, expressão eloquente do seu grande carácter dizia:

« Os títulos em que fundo a minha candidatura são a inocência da minha vida política, e a minha constante dedicação pelas coisas da nossa terra ».

Aveirenses:

De quanto disse é legítimo concluir que não é um centenário de morte aquele que estamos a comemorar.

Ao contrário, festeja-se alguém que, agigantando-se, transcendeu a própria « Bios », a vida no seu sentido biológico.

Crêmo-lo vivo, vivo na lição patriótica, cívica e humana que a todos deu, vivo na pureza dos seus ideais e das suas acções, vivo na sua coerência e na sua subordinação ao direito e à justiça. Vivo, a ensinar-nos a amar mais ainda a nossa Aveiro e por seu intermédio a Pátria, que desejamos una, íntegra e perene.

A pedir-nos, a todo o momento, que amemos mais ainda a tolerância, a generosidade, a paz, a ordem e a liberdade.

Tenho dito.

Terminadas as entusiásticas palavras do sr. Dr. Vale Guimarães, e enquanto a Banda Amizade executava o *Hino de José Estêvão*, a sr.ª D. Maria José Coelho de Magalhães da Mota descerrou uma lápide mandada colocar na base da estátua do seu ilustre antepassado pela Câmara Municipal.

●

Reorganizou-se depois o cortejo, que seguiu para o Cemitério Central, em romagem ao jazigo de José Estêvão; aí, todos os elementos que tomaram parte no cortejo desfilaram perante um mausoléu, recentemente construído, para onde há dias foram trasladados os restos mortais de José Estêvão e de sua Esposa.

●

Ainda no sábado, ao começo da noite, com a assistência de diversas entidades oficiais, efectuou-se uma singela cerimónia para assinalar a inauguração da iluminação da estátua de José Estêvão.

E, pelas 19 horas, na Sé Catedral, o Reitor do Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa, Mons. Aníbal Ramos, celebrou missa de sufrágio. Ao piedoso acto assistiram as várias autoridades aveirenses, familiares de José Estêvão e outras pessoas.

●

No domingo, pelas 11.30 horas, foi inaugurada a Exposição Bio-biblio-iconográfica de José Estêvão, numa das modernas e vastas salas do Museu Regional.

Estiveram presentes — além das netas e bisnetas do ilustre Aveirense — as entidades oficiais e outras individualidades citadinas.

A exposição, organizada pelo Director do Museu, sr. Dr. António Manuel Gonçalves, coadjuvado pelos srs. Dr. José Pereira Tavares e Dr. Álvaro Sampaio, mantêm-se aberta até 18 do corrente.

Certame cheio de interesse, pelo número e natureza das espécies que reúne, a exposição constitui uma expressiva evocação da vida e da actividade pública de José Estêvão.

As espécies expostas foram cedidas pela Família de José Estêvão, Museus de Aveiro e de Grão Vasco (Viseu), Liceu Nacional de Aveiro, Clube dos Galitos, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, Companhia Voluntária de Salvação Pública « Guilherme Gomes Fernandes », Fábricas Aleluia, srs. drs. José Pereira Tavares, Jaime de Melo Freitas, Álvaro Sampaio, António Cristo, David Cristo, Adérito Madeira e António Gonçalves e ainda pelos srs. Eduardo Cerqueira, Firmino de Vilhena e Vasco Pinho.

●

De tarde, pelas 15.30 horas, realizou-se, no Teatro Aveirense, a anunciada sessão solene de homenagem e evocação — número final do programa comemorativo do centenário da morte de José Estêvão.

No palco, podiam ver-se bandeiras e estandartes do Município e das colectividades locais e concelhias de desporto, recreio e outros organismos.

Assumiu a presidência o sr. Dr. António Fernando Marques, Governador Civil substituto, ladeado pela sr.ª D. Joana Inês de Lemos Coelho de Magalhães, e pelos srs.: Eng.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara; Dr. António Rodrigues, Presidente da Junta Distrital; Embaixador Dr. Augusto de Castro, orador da sessão; Coronel A'lvaro Salgado e Coronel Evangelista Barreto, comandantes Militar e do R. I. 10; Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto; e Dr. Orlando de Oliveira, Presidente da Comissão Municipal de Cultura.

A abrir a sessão, o sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas proferiu palavras alusivas às comemorações da efeméride que se estava a celebrar e à vida e actividade de José Estêvão, apresentando, depois, o sr. Dr. Augusto de Castro, orador da tarde.

O público escutou, com muito interesse, o notável e brilhante trabalho lido pelo ilustre diplomata — que, num discurso de fino recorte literário, exaltou a memória de José Estêvão, evocando o seu empolgante génio oratório, os seus ideais, as suas actividades, e as raízes que o prenderam sempre à sua terra natal.

Lamentamos que, pela sua extensão, não nos seja possível publicar no *Litoral* a magnífica oração do Embaixador Dr. Augusto de Castro, Director do « Diário de Notícias » — jornal que, na segunda-feira, inseriu aquele excelente escrito.

A sr.ª D. Joana Inês de Lemos Coelho de Magalhães, neta de José Estêvão, proferiu — em nome da Família — o agradecimento pelas homenagens prestadas à memória do seu ilustre antepassado.

Por último, falou o sr. Dr. António Fernando Marques — encerrando a sessão solene —, afirmando, a finalizar:

— Passados cem anos sobre a data da sua morte, é consolador registar que não se apagou na poeira dos anos e na memória das gentes a lembrança dessa extraordinária figura, que não é só de Aveiro, porque faz parte do legítimo património espiritual da Pátria.

Entrevista com João Guedes e José Braz

Continuação da primeira página

inequívoco ainda por se revelar todo, (seria Jayme Valverde quem, mais tarde, já então no Porto, nos diria a feliz nova de que João Guedes seguiria em breve para Paris estudar... Teatro!) teve palavras de muito apreço pelo C. E. T. A. e pelo «Litoral», « um periódico que visto uma vez não se esquece fàcilmente, pois não conheço outro como ele, no panorama da Imprensa regional portuguesa ».

Depois foi Romeu Correia. E depois dele, finalmente, foi a vez de felicitarmos José Braz, que havia desempenhado um papel difícil em Ernesto e Dagoberto, a exigir uma tal plasticidade representativa, onque um deslise seria uma condenação.

A conversa que com ele, por gentileza toda sua, tivemos, a reproduzimos para os nossos leitores, até porque, dos três, era ele o único que ainda não honrara as páginas do « Litoral » com o depoimento do seu saber e da sua experiência de actor feito.

*

Adjectivos? Mas para quê, se quem conhece o panorama do Teatro português pode bem avaliar quanto significa uma afirmação como esta: « Eu sou do T E P... desde a primeira hora!» José Braz, por modéstia, não no-la disse. Mas, por justiça, podemos nós dizê-la por ele!

O T E P tem lançado entre nós, quer pela mão de António Pedro, quer agora orientado por João Guedes, dos melhores textos do teatro mundial. O defeito da sua actividade é, como nos dizia não há muito o competente crítido Carlos Porto, o de ter um reduzido público.

Mas defeito? Se as boas coisas são para raros apenas!...

*

— « *Um grupo de amadores amarrado a representar apenas peças de* marionettes?»

Assim começou por dialogar connosco José Braz, retomando, para enfrentá-lo, um problema que nos afecta, por trazer afectada muita boa gente...

— « *Nada pior contra as exigências do Teatro e as necessidades do jovem. Melhor que ninguém, o amador deve tentar pôr em cena os bons textos, sem o que, além do mais, o Teatro perderá o seu educativo poder estético.*

José Braz contra José Régio

— E' preciso então, interrompi eu, que os jovens com o Teatro não se deseduquem para o Teatro, mas importa também que o Teatro não venha a ser abastardado pelas experiências dos jovens inexperientes.

— Sem dúvida. E' essa, até, mais uma das razões para eu continuar contra um dos nossos maiores e melhores escritores contemporâneos. Poeta, romancista, dramaturgo, crítico que eu muito admiro, nem por isso eu deixo de estar contra ele, quando ele nos afirma que **bons actores fazem bom teatro mesmo com um mau encenador**.

O nível artístico dum conjunto teatral é sempre o que for o seu director cénico, que traduza plàsticamente, pela luz-cor, pelo som, pelos cenários e actores, um texto em espectáculo.

— Por nós não duvidamos.

O Teatro, se tem a sua essência, possui igualmente aquilo a que Jouvet chamou biologia teatral. *Segundo ela, agora, o director da cena não é um intruso. Bem o afirmaram Pitoeff e Copeau. Até porque o Teatro é para ser visto e não para ser apenas lido.*

— Por isso, continuarei a afirmar, segundo a melhor teatrologia moderna e a mais comprovada experiência: o essencial em Teatro é o director de cena. Veja o historial de Alain Delon até que, pela mão dum novo director, ele nos apareceu outro em « Rocco e i suoi fratelli ».

António Pedro, bom mestre de Teatro e bem conhecedor do teatro inglês, ao adaptar « Macbeth », foi feliz em encontrar uma Dalila, um João Guedes, um Vasco de Lima Couto...

Um caso «nosso»...

— Ou eles foram felizes em terem sido encontrados... por quem foram!»

— Também não estará desacertada a inversão.

O certo é que eu próprio posso confessar-lhe que com João Guedes não tenho receio de trabalhar...

(E nós acreditámos bem naquela «confissão» — será inconfidência divulgá-la? — não tivéssemos acabado de ver o equilíbrio firme, a plasticidade adequada com que José Braz acabara de representar os seus difíceis papéis.)

— Pois « vocês » — continuou ele, (e vocês aqui é o C E T A, esclareço eu!) — têm um bom director de cena, que sabe o que quer e quer fazer o que sabe. Este o factor número um — essencial, imprescindível. Só assim se acredita no... inacreditável: que « vocês » com uma peça daquelas, como é o «Godot», tenham chegado, num ápice, aonde chegaram...

*

Guinámos a novos rumos, porque urgia (e urge) terminar.

E a mais uma das muitas questões, por nós postas e por ele esclarecidas, José Braz terminou por dizer-nos:

«Quando o Teatro português, como me disse, viver mais de valores do que de nomes; quando o público não medir os bilhetes pelos cartazes, então, sim, o Teatro português poderá ter um nível europeu.

Mas até lá importa que haja iniciativas, muitas iniciativas, como as que, no Porto, acabam de ser tomadas pela Câmara Municipal e pelo próprio Futebol Clube do Porto: fomentar, fomentar o Teatro, para que se acabe de vez com o teatrinho em Portugal!...»

Que melhor palavra-fecho do que esta tão esclarecida, oportuna e exemplar afirmação de José Braz?

Mário da Rocha

BURACOS na CIDADE

notas de viagem de Mário da Rocha

I Por mais que se veja e reveja, o facto é sempre de pasmar... Dias sobre dias, em viagens e viagens, eu vi... eu voltei a ver! O **texto** único da leitura nacional é dum homúnculo Conan Doyle qualquer, em quadradinhos de cordel!...

Um livro? Esse sòmente sobraçado por qualquer jovem, raro espécime... numa cidade que se diz capital dum Império!...

Agora sou eu que leio: «A experiência dos livreiros franceses atesta que a boa literatura, não só de ficção como de pensamento, se vende melhor do que a fancaria de baixo ou ilusório nível, desde que seja apresentada em edições atraentes e de preço acessível.

As duas últimas colecções de «livros de bolso» iniciados em França constituem experiências significativas: para lançar a série «*10-18*» (que belíssimos e variados textos já nos chegaram... a Lisboa!) a *Livraria Plon* escolheu como volume inicial uma colectânea de escritos de Descartes.

E, em poucas semanas, no adverso período estival, foram vendidos 25.000 exemplares.

E a colecção «*Idées*», (onde há de tudo, desde Kafka a Valery, de Freud a Toynbee...), foi inaugurada com uma reedição de Camus. Pois, em seis meses, houve compradores para 105.000 exemplares do *Mythe de Sisyphe*.

Reparem: em França, fala-se em exemplares; em Portugal, em edições!...

Resultado?

II «Aquilo», francamente, é um caos. Que autêntico montão de jóias raras, enceleiradas entre cascalho podre de velhos tubérculos...

Apesar disso, ou até por isso, vale a pena ir lá, para lá voltar.

Assim fiz há dias. Uma nesga de lazer, entre um almocinho e muitas voltas, e eis-me na Rua Serpa Pinto. Que, valha-nos ao menos S.ta Bárbara, o Museu de Arte Contemporânea (?!) está *sempre* aberto...

Entrei! Soares dos Reis e Bordalo Pinheiro, Columbano, Mestre Columbano, e Malhoa, o Malhoa «que até pinta o ar», começaram por prender-me os passos na poltrona. E preso fiquei a olhar, a viver, a sonhar!

Mas logo, entre Souza Cardoso e João Carlos, ou H. H. Vieira da Silva, entre Alvarez e Júlio Pomar ou Resende, a rigidez hierática dum entronado Eduardo Malta, para não falar já dum João Reis, irritou-me o espírito como mosca brejeira ou garras aduncas em pele fina.

Quem me valeu? — Um D' Assumpção!

É verdade! O mesmo D' Assumpção de quem já dissemos não termos nós alcançado todo o seu valor, reconhecido oficialmente, num «Espaço de Deus».

Pois foi ele, talento multifacetado que só pluriforme se mostra no profundo que é, que nos serenou. Ali, apenas dois trabalhos seus. Um, («Vitral» ou «Meditação»?), mesmo a lembrar-nos ambientes cromáticos de Rouault, prendeu-nos em extase grande que nem sabemos quanto nos durou.

Só à saída pusemos os pés em terra. E logo pela mão dum *rico* casal. Presos nós, em último adeus, ao bronze do «Desterrado», com uma fuga de olhos, de vez em quando, até «A Idade do Bronze», ele e ela, braço no braço, *viram* **tudo,** enquanto nós continuávamos a olhar... com tudo para ver! Conclusão? «Artistas modernos, uma corja de cabotinos... Snobismo servil apreciá-los! Os artistas têm todos *qualquer coisa a mais*...» Sim, de tudo isto, só disto não haja dúvidas: Os artistas, todos eles têm *qualquer coisa a mais*, porque todos nós temos qualquer coisa a menos!...

III Por experiência sei que não vale a pena discutir arte. Esta não se desmonstra; mostra-se. Por mais que se lhe aponte, nada vê quem não traz o sol dentro de si. Tentá-lo, é como lavar a cabeça a determinados seres: perde-se tempo e sabão...

Foi a terceira vez que *vi* trabalhar Picasso. *Quatro traços uma casa!* Assim decorados, lhe saíram, um a um, pratos sobre pratos.

Quatro traços uma cara! «Nada mais fácil», dirão. «Isso também eu faço!»

Mas eu gostava de os ver, a esses zoilos insolentes, como gostei de ver outra vez Pablo Picasso, naquela «tarde clássica» no Império sempre *os mesmos* quatro traços a darem-nos um, dois, três... nove, doze rostos plàsticamente iguais mas todos eles humanamente diferentes. Só visto! E a propósito: quantos saberão, em Aveiro, que no Caramulo se encontra um dos mais modernos museus de Portugal?

IV Outras andanças, outros lugares. Conhecera-o no Sul, finalista de Direito e presidente da Academia. Estava então para partir para terras de Albion.

Regressado já, encontrei-o sem o esperar (como o Mundo é pequeno!) no Norte. O acaso nos fizera conhecidos; o tempo nos tornara amigos. Mas tal amizade só fora, só foi, só é, sòmente será possível porque, desde o primeiro instante, conversáramos sem qualquer de nós perguntar um ao outro quem o outro era... Reconhecêramo-nos ambos homens, adultos, e não qualquer pitecantropo da era de Cro-Magnhon. Tanto bastara para dialogarmos, convivermos.

— Há sítios onde escalda aquela frase, que certo conhece —, disse-nos a finalizar —, de António Pedro que escreveu: «Nenhuma reforma da justiça vale um palácio de justiça.» A propaganda mata um homem. Por isso lhe fujo...»

Eu, porém, dele não fujo. Ele sabe e eu sei: ambos homens. E ainda hoje estamos os dois sem sabermos o que cada um é. E estaremos, porque nenhum é propagandista...

Para quê perguntar **o** que ele é, se eu já sei **quem é ele?** Isto nos basta. Por isso eu posso conversar com ele e ele sabe conversar comigo!

Valeu-me a pena todo o viajar Norte-Sul para descobrir que o ideal... existe!

AVEIRISMO

Continuação da primeira página

Um germen de fermento o levedar toda a massa.

O amor restrito, é ciúme. É egoísmo.

E eu atrevo-me a afirmar que não é Amor.

Esta palavra é o centro, a capital de todos os nobres sentimentos, tal como a sua leitura inversa (Roma) era a capital do mundo antigo, e ainda o é, espiritualmente, do mundo moderno.

*

Eu parto da suposição de que M. R. nasceu em Aveiro e que, assim, é naturalíssimo o seu amor filial.

Mas eu venho precisamente para depor que os próprios que nasceram extra-muros, na periferia do velho burgo (mas que obriram aqui as pétalas da flor da juventude à claridade lustral do entendimento e dos afectos, dos grandes ideais ou até dos ilusões e das amarguras), não menos trazem no coração esta cidade milenária, que nasceu numa pequena colina deste litoral tão plano, tão suave e tão acolhedor.

E, assim, quantos como nós, vindos dos arrabaldes ou de fora, como Gaspar Ferreira, Pereira Tavares, Álvaro Sampaio (e tantos mais) nela deixaram as suas dedadas modeladoras de progresso, na administração, no ensino e na cultura!

Mesmo sem o lato universalismo altruista de M. R., mas abraçando apenas o Aveirismo desta planura que vem das serras ao mar, num todo gregário quase consaguíneo e uniforme na sua etnogenia e ***ética****, e* ***principalmente ligado pela comunidade de aspirações e interesses, todos nós poderemos viver este Aveirismo exemplar*** *e edificante, que poderá ser* ***padrão de comportamento no*** *seio da grei portuguesa, daquém e dalém mar.*

*

Em recuados tempos medievais, a serrania, desde Viseu, estava ligada a Aveiro e ao mar por um cordão umbilical, — o estreito e áspero caminho de almocreves que, atravessando o Alfusqueiro numa velhíssima ponte, nos passava à porta, desembocava em Almear, onde também atravessava outra antiga ponte, que já não existe.

A atestar a vetustez desse estreito carreiro, está o remotíssimo nome de Caminho Largo, que ainda se ostenta, junto à soleira da nossa porta.

Certamente por aqui passou mnitas vezes o célebre almocreve, O MALHADINHAS, de Aquilino, nas suas andanças e araganças à nossa cidade.

E eu descubro, mergulhando no mundo dos meus amores, que este cordão umbilical colabora no meu Aveirismo, tal a fascinação que as humilhadas pedras das calçadas exercem em espíritos como o de Alberto Souto ou como o meu.

*

Ninguém, medianamente informado, ignora que Aveiro e o seu Distrito são uma região hoje largamente desenvolvida, ou, como está na moda dizer-se evoluída, (ainda que o termo pese à memória de Cândido de Figueiredo).

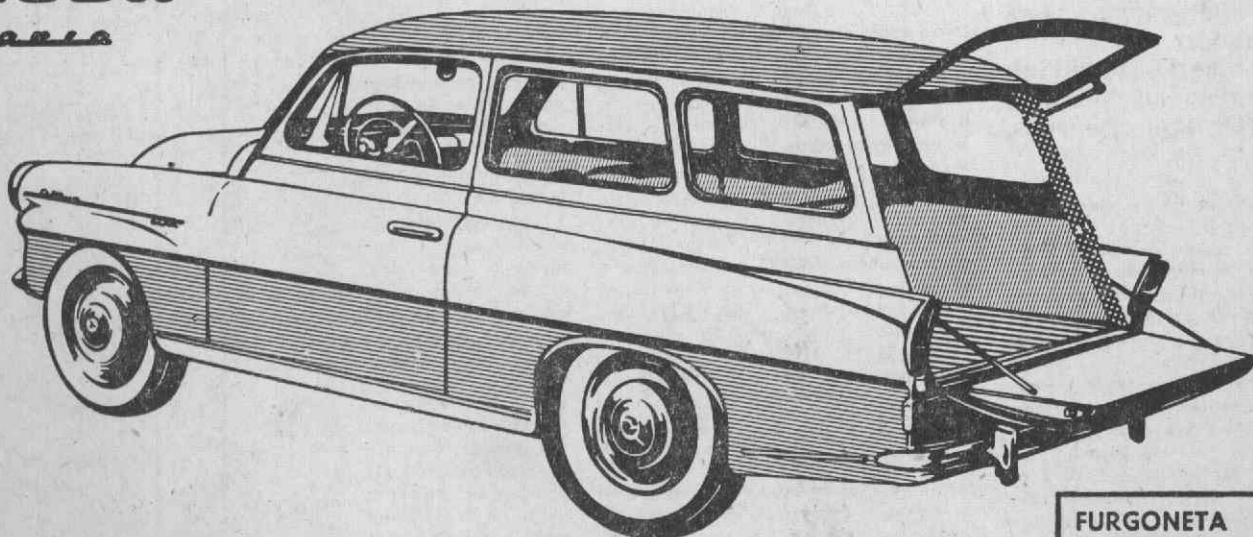
Terá que perdoar-se-lhe, por isso, uma certa efervescência política, um certo inconformismo.

Mas Aveiro teve um período alto. Em nosso humilde ver, maré cheia da sua Ria e mar, quando o saudoso Dr. Alberto Souto veio colaborar no incremento e honra do nosso agregado, sacrificando mesmo um pouco do seu ideário sincero.

Glória ao Governador de então, cujo nome, por amizade e respeito, não cito.

E nós (que não somos político, mas patriota) ousamos apelar para que na consagração póstuma de Alberto Souto (culto e bom, como de Camões disse Tasso), fique esculpido em pedra ou bronze um símbolo de Aveirismo, isto é, a fraternal tolerância que vincou M. R., ou a unidade na diversidade, de que tanto carece a Nau Portuguesa, neste encapelado mar dos nossos dias...

Aveiro, de Novembro de 1962

Gomes dos Santos

CUMPRIU-SE O PROGRAMA COMEMORATIVO

JOSÉ ESTÊVÃO — Desenho a carvão de C. V. LEAL

Continuação da primeira página

Câmara Municipal, pelo seu Pelouro de Cultura, a tomar o principal encargo e a programação das comemorações da notável efeméride, dando-lhes uma feição oficial e concelhia.

●

No sábado, pela manhã, os sinos camarários repicaram festivamente, subiram ao ar foguetes e a *Domus Municipalis* apresentou-se embandeirada, como nos dias de feriado.

E, por toda a cidade, em muitas montras se viam retratos, estampas, azulejos e outras evocações de José Estêvão.

●

No Largo do Mercado, depois das 14 horas, iniciou-se um cortejo cívico — que abria com a Banda da Vista-Alegre, sempre presente em Aveiro, no decurso de cem anos, em todas as celebrações estevanianas.

Seguiam-se o estandarte do Município, o Governador Civil substituto e o Presidente da Câmara, e, logo após, os antigos Chefe do Distrito e Presidente do Município srs. Dr. Francisco do Vale Guimarães e Dr. Álvaro Sampaio — únicas individualidades condecoradas com a Medalha da Cidade, que ostentavam.

Vinham, depois, numerosas entidades oficiais e pessoas de representação; representações dos Bombeiros Voluntários aveirenses e de Ílhavo; a Banda Eixense; delegações (com os respectivos estandartes) de colectividades desportivas e de recreio, de ranchos folclóricos, da Academia do Liceu, da Escola Técnica, e da Mocidade Portuguesa; e a Banda Amizade — que fechava o cortejo, após os populares que nele se incorporaram.

●

Descendo a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, o cortejo passou pela Praça da República, onde se deteve diante da estátua do grande e imortal Orador.

Então, o sr. Dr. Vale Guimarães pronunciou o discurso que a seguir transcrevemos, na íntegra:

Centenário da Morte de JOSÉ ESTÊVÃO

Se é verdade aquilo em que acredito, José Estêvão está a ouvir-me.

Sabe assim das razões que me forçaram a aceitar, à última hora, a tarefa ingente de falar dele, ao abrir as comemorações centenárias; sabe que tive de vencer-me para aqui estar neste momento e na circunstância, pois tudo me dizia — inteligência e sentido de medida — que não devia cometer esta temeridade. Principalmente por respeito a Ele e também porque sobre Ele já depuseram, e sem poderem ser igualados, todos os que no decorrer de cem anos ascenderam à galeria dos magos da oratória.

Muitos deles proferiram seus discursos aqui, na nossa terra, aqui mesmo, à sombra protectora e inspiradora desta bela estátua, em que, como uma vez escrevi, movimento e pujança viril se unem para lhe dar alta expressividade, estátua que os aveirenses, embebidos nas ideias do Tribuno e tomados de veneração, reconhecimento e amor, ergueram há setenta anos, penosa mas alegremente. Esses sentimentos, vividos em plenitude pelos nossos maiores, têm-se transmitido de geração em geração e são hoje tão firmes e conscientes como foram ontem, e dizem por si da actualidade de José Estêvão e do seu ideário.

Ele sabe do meu constrangimento — que é quase vergonha. Mas conhece a sinceridade da minha admiração pelo que foi e pelo que fez.

Conhece a minha viva simpatia pelos seus ideais e a influência que exerceram na minha formação cívica, ideais por que se bateu — correndo todos os riscos, da intriga vil à cabeça a prémio e consentindo em todos os sacrifícios, da tortura física e da fome às saudades da Família e da Pátria, grandes amores da sua vida — ideais por que se bateu, dizia, até ao heroísmo nos campos de batalha, até ao fascínio na Imprensa, até à ênfase na tribuna.

Ele sabe da minha sinceridade. E porque foi profundamente tolerante e generoso, compreensivo e humano estou certo da sua absolvição. E' o que me dá serenidade e coragem, me anima e me estimula a erguer a voz fraca e paupérrima para o rememorar aos aveirenses e com todos dizer-lhe neste dia:

— Fostes o maior Dom da nossa terra e dela permaneces a maior Glória.

Aveirenses:

O património espiritual de um povo integra, a par dos feitos notáveis, das tradições, da ascensão civilizadora ou cultural, os homens que pela acção ou pelo talento foram obreiros ou mentores da sua fisionomia histórica.

José Estêvão foi obreiro e mentor — o mais eficiente e aberto, o mais avisado e clarividente.

Ficou na História como Orador. A oratória em todos os tempos representou a suma dignidade da expressão falada. Arte complexa, implicando virtudes de eleição — do poder dialéctico à cultura, da capacidade imaginativa à força convincente, da prontidão do raciocínio à sua imediata elocução, do saber dizer à ênfase oratória, da dicção vibrante e máscula e majestosa à não menos viril e imponente presença física.

A convergência de tantos atributos é graça de que só raros participam. A História o comprova.

José Estêvão ocupou lugar entre os maiores do Mundo.

O preclaro aveirense e grande advogado Cunha e Costa, num dos arroubos oratórios que o celebrizaram, ao perorar no centenário natalício, figurou no Olimpo magna assembleia dos deuses da palavra, da antiguidade clássica aos nossos dias, presidida por José Estêvão. Todos eles, em frases formosíssimas, prestaram-lhe homenagem e todos ficaram suspensos e rendidos quando, ao encerrar a sessão, Cunha e Costa faz o Tribuno declamar o passo mais empolgante do discurso da *Charles et George*.

Outro aveirense, também ilustre, respeitado e temido em todo Portugal, com soma de meritórios serviços à terra, Homem Christo, cujo centenário do nascimento ocorreu há três anos sem que, inexplicàvelmente, os aveirenses, como desejavam, pudessem distingui-lo com a consagração a que tem jus — e nessa aspiração comungavam mesmo muitos dos que podiam guardar ressentimento — esse extraordinário polemista, com a imensa autoridade da sua erudição histórica, apelidou-o do maior orador do Mundo após a Revolução Francesa.

Muitos chamaram-lhe o Demóstenes português. E, quando prematura e inesperadamente se fina, a Câmara dos Deputados unânimamente deliberou que a sua cadeira ficasse revestida de crepes por oito dias — caso único na História, como único também é o ter votado a construção de uma estátua a colocar, como aconteceu, frente ao Palácio de S. Bento, para lembrar ter sido Ele o maior daquele cenáculo. Foi há anos retirada essa estátua para o interior do Palácio, por motivo de obras. Legìtimamente se espera regresse ao seu lugar de honra, o único que lhe convém. E inegàvelmente é este o momento próprio.

Foi assim na oratória José Estêvão; mas também nos seus discursos, nos seus artigos, nas suas polémicas, nos seus manifestos eleitorais ressuma o homem de princípios e o doutrinário que se reconhece e confessa como tal em muitos passos

Eu e Eduardo Cerqueira vimos há longos meses a seleccionar, para os trazer a lume numa edição comemorativa, discursos que até ao presente se encontram esquecidos no diário das sessões (e contam-se às centenas) proferidos a propósito das pequenas e grandes coisas do dia-a-dia da vida política e administrativa do País. A sua leitura permitiu-nos experienciar, muito mais do que os discursos incluídos nas edições de 1878 e 1909, à parte a validade intemporal das suas concepções (não é esta agora a questão), o que há de permanente, no sentido de coerência ou integração numa estrutura básica que informa todos os aspectos do seu pensamento nos mais variados campos — do político ao sociológico, passando pelo económico e administrativo. É como se Ele, vivendo uma constante necessidade de identificação consigo próprio, se encontrasse a si mesmo em cada juízo expresso.

Impressiona, na verdade, por um lado, a segurança, equilíbrio, visão e acendrado patriotismo com que abordava as grandes questões nacionais, a forma como dominava a História e a ela ia buscar orientação para as soluções que preconizava e, por outro lado, a inteira fidelidade ao corpo de doutrina que formava o seu ideário. Dentro deste espírito de sujeição ao seu pensamento político José Estêvão não ascendeu às cadeiras do Poder — Ele que conquistou a cátedra universitária, em competição com o consagrado economista Eugénio de Almeida — porque nunca admitiu transigências aos princípios que eram seus, como nunca poupou à mais rude crítica os governos, mesmo os saídos do seu próprio partido, sempre que se desviavam, o que era quase regra, dos objectivos do seu programa. Daí sentar-se normalmente na bancada da oposição, indiferente ao fascínio do Poder e às sugestões das boas situações, sem se dobrar mesmo perante a violência e a intriga e sem maldizer a apertada mediania em que viveu e morreu. Mas a sua pobreza de bens materiais foi largamente compensada pela riqueza da herança espiritual que legou aos vindouros e que o tempo não consome, válida hoje como ontem, válida hoje como amanhã.

Ele próprio se fez arauto das gerações futuras quando expressou a sua participação integral e a sua fé nos sentimentos da juventude, independentemente de se irmanar com ela na idade cronológica.

Disse Ele:

«*Pertenço à seita da mocidade — a essa seita que se socorre sem se ver comunicar e que se comunica sem se corresponder, a essa seita cujos símbolos são os próprios sinais da juventude, cujos estatutos são os puros sentimentos da natureza, seita a que a Europa deve tudo que tem de grandeza, de civilização e de liberdade — seita cujos princípios eu defenderei sempre, mesmo depois de as cãs me alvejarem na cabeça*».

Orador, político, doutrinário, professor, advogado e oficial do exército, condecorado com dois graus da Torre Espada de valor, lealdade e mérito, pela bravura e ciência militar nos sucessivos combates em que tomou parte na luta pela liberdade — fundador de asilos e de outras obras de assistência, José Estêvão empolgou a Nação inteira.

Toda ela o conhecia e admirava e respeitava. E, agradecida, colocou o seu nome em centenas de ruas e praças de cidades, de vilas e de aldeias. Poucos portugueses, pòstumamente, terão recebido tantas provas de gratidão, tantas e tão significativas e espontâneas homenagens, na sua maior parte provindas das classes populares — as que mais e melhor o compreenderam, o seguiram e o veneraram.

Nesta terra de Aveiro, seu retrato, em fotografia e em desenho e em gravura e sobretudo em louça decorativa, ocupava lugar de honra em centenas de casas, mormente nesses inconfundíveis lares dos nossos pescadores, marnotos e mercanteis, como vi ainda criança e tanto impressionou o meu espírito em formação.

Espero que as fábricas aveirenses da especialidade, tão impregnadas de aveirismo — e o aveirismo já o disse e escrevi algumas vezes e agora repito, integra no seu conteúdo ideológico os ideais de José Estêvão — espero que as Fábricas Aleluia, honra de Aveiro e com especial projecção na sua vida social, artística e cultural, Ártibus, outra que ilustra e dá fama à terra, Faianças de S. Roque, tão característica e apreciada, comemorem este centenário lançando no mercado, a preços populares, louça decorativa com a efígie do imortal Aveirense. Será essa mais uma homenagem, revestida aliás de especial significado.

Aveirenses:

O Mundo Ocidental já este século sustentou duas guerras na defesa dos grandes princípios que entroncam em Cristo. Recente e presentemente tem corrido e corre o risco de se envolver em novas contendas, porque o *homem* está mais uma vez ameaçado — por doutrina que contém em si o gérmen duma afrontosa tirania.

Pois bem: os princípios por que se bate o Ocidente, agora como nas duas últimas guerras, são precisamente aqueles por que há cem anos lutou José Estêvão.

Há duas semanas proclamava o presidente Kennedy:

«O preço da liberdade foi sempre muito caro».

Este pensamento faz-nos voltar ao Tribuno que conheceu bem na sua própria carne o preço elevado da liberdade.

Foi ele, portanto, arauto de uma doutrina eterna. E dela foi pregoeiro enobrecido por alto sentido de equilíbrio, perfeita consciência e medida de responsabilidade.

Apesar da sua fogosidade, do seu ímpeto oratório, escapando-se-lhe as palavras em caudalosa corrente quantas vezes sem a possibilidade de as controlar, em momento algum da sua agitada vida pública foi demagogo ou deu largas a ressentimentos. São de rara nobreza — lição mngnífica que aproveitaria a tantos em todas as épocas — atitudes suas, como a de suspender um discurso só por lhe ter parecido ouvir, no parlamento, aplausos das galerias, como a de se não recusar a avistar-se com o Duque de Saldanha em momento delicado da vida nacional — com o Duque de Saldanha que, como o próprio José Estêvão confessa num dos seus manifestos aos eleitores de Aveiro, o perseguira e «nenhum sofrimento da minha carreira política me custara tanto como essa perseguição».

E que dizer da defesa do «Portugal Velho», orgão absolutista, acusado do crime de abuso de liberdade de Imprensa e que Ele defende, vestindo a sua toga de Advogado? Proferiu, então, discurso que é edificante exemplo da pureza e sinceridade dos seus princípios e da nobreza do sentimento de tolerância que cultivou no mais elevado grau. Nunca pregou a subverção, a indisciplina e a desordem. E, no discurso sobre a maneira de combater as conspirações, recomenda que as armas para as sufocar só sejam entregues àqueles cidadãos que dêm garantias de bom uso delas.

É uma constante da sua vida o entranhado amor à liberdade e à ordem. Problema ainda hoje delicado em todo o Mundo e que tanto tem prendido a atenção de filósofos e políticos, Ele o

Continua na página 6

A sr.ª D. Maria José Coelho de Magalhães da Mota, ao lado do Presidente da Câmara, após o descerramento da lápide que o Município mandou colocar na base da estátua de José Estêvão